

A greve é justa Ilegal é a fome!



Nas fotos, o clima de entusiasmo, alegria e emoção da imensa multidão de metalúrgicos de São Bernardo, quando tomaram a conjunta decisão de decretar a sua maior greve.

400 mil metalúrgicos do ABC e interior paulista pararam. Não houve ameaça do governo, chantagem de patrão, nem manobra de pelego ou, ainda, vacilação de lideranças que pudessem quebrar a enorme disposição de luta dos operários. A greve maciça se espalhou, como um rastilho de pólvora, pelo Estado. Recebeu solidariedade sem precedentes: no primeiro dia, 150 entidades populares e democráticas se reuniram na capital para dar ajuda. Entretanto, as debilidades de organização continuam a persistir

(Na última página).

**É Prestes quem diz:
PCB não é vanguarda**

Página 4

**Povo vai a Brasília
reclamar da carestia**

Página 5

Homenagem a Pomar

Página 3

Escravos do ônibus

Página 5

Editorial

A greve de todos nós

A greve dos metalúrgicos do ABC e do interior paulista concentrou as atenções de todo o Brasil. Figueiredo deve estar bem preocupado. Já teve de recuar diante dos camponeses que se levantaram contra o confisco da soja e agora corre o risco de mais uma derrota.

Já o povo olha os metalúrgicos paulistas com outros olhos. Eles são hoje o grande exemplo de que a luta continua e cresce, apesar dos resmungos dos eternos pessimistas. São a grande esperança de derrota da nova lei do arrocho e de toda a política anti-operária e antidemocrática do governo militar.

Por isso mesmo é ampla — e pode ser maior ainda — a solidariedade aos metalúrgicos. Esta greve interessa de perto a todos os explorados, os democratas, os sindicatos e entidades populares, todos os partidos que pretendem fazer oposição de ver-

dade. Muitas dessas forças já estão em movimento, apoiando política, moral e materialmente os grevistas. Muitas outras ainda podem ser mobilizadas, sempre que houver trabalho firme neste sentido.

Mas a contrapartida deste apoio é a responsabilidade que recai sobre os metalúrgicos em greve, em primeiro lugar os do ABC, que estão na vanguarda da luta. Os trabalhadores de todo o país esperam muito deles. Esperam a vitória, que repercutiria imensamente no conjunto do movimento operário e popular. E uma greve vitoriosa não depende apenas da paralisação das máquinas. Este é o primeiro passo, indispensável, mas não é o decisivo. O que garante a vitória é a mobilização e a organização da categoria, é o emprego de todas as energias dos trabalhadores, que normalmente servem para enriquecer o patrão, em proveito da causa dos explorados.



Ijuí, RS: dessa manifestação partiu a rebelião que derrubou o confisco da soja.

**Campo se levanta
e derrota Delfim**
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Homenagem ao Araguaia

No dia 12 de abril comemora-se o oitavo aniversário do início da resistência guerrilheira do sul do Pará, que durante três anos enfrentou sucessivos ataques das Forças Armadas. Para marcar essa importante data, serão realizadas manifestações em várias regiões do país. No

Pará, o traslado do corpo de Pedro Pomar para Belém assinalará o 12 de abril. No Rio de Janeiro, os familiares dos mortos e desaparecidos na guerrilha serão realizados atos públicos, missas e manifestações, em repúdio à brutal investida das Forças Armadas da ditadura no sul do Pará.

Em todos os locais onde haja Comitês Brasileiros pela Anistia e familiares de mortos e desaparecidos na guerrilha serão realizados atos públicos, missas e manifestações, em repúdio à brutal investida das Forças Armadas da ditadura no sul do Pará.



Moradores dos loteamentos clandestinos de Cuiabá não crêem mais em promessas

Cuiabá: 3 mil na passeata dos favelados

Cuiabá, MT — Mais de 3 mil pessoas realizaram em 10 de março uma das maiores manifestações dos últimos anos em Cuiabá, exigindo a legalização dos lotes onde moram há 3, 4 e até mais de 10 anos.

Os manifestantes carregavam faixas e cartazes com os dizeres: "Todo ser humano tem direito a um teto" e "terra para quem nela mora".

Chegando em frente à Prefeitura, os moradores dos bairros da periferia, que levaram um abaixo-assinado para entregar ao Prefeito, viram indignados, um carro da

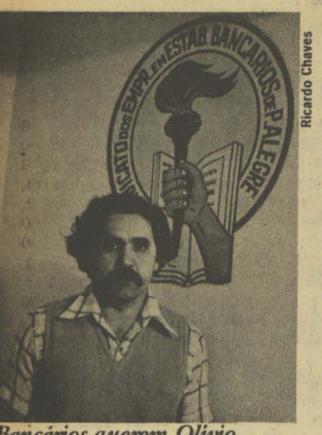
policia forçando a travessia entre o povo, com o risco de atropelar velhos, mulheres e crianças. Pouco depois chegava um caminhão cheio de soldados. Os manifestantes dobraram a bandeira nacional e cantaram o Hino Nacional.

Um membro da diretoria de uma das associações de bairros que lideravam a passeata afirmou: "Comunicamos a todos os políticos, deputados e vereadores de todos os partidos sobre a manifestação. Nós, da Associação, não damos preferência a políticos nesse momento, pois achamos importante é a nossa união para conseguirmos nos

sof direitos". E um outro agregou: "Vamos descobrindo na luta quem são nossos amigos".

A população da periferia soube através de jornais e rádios que o Prefeito ia vender os terrenos da Prefeitura a imobiliárias. Então os moradores de 6 bairros resolveram se unir, formar uma comissão e organizar um movimento de protesto contra a entrega dos terrenos.

Os moradores da periferia estão recebendo o mais amplo apoio de associações e movimentos populares, sindicatos, entidades estudantis, jornalistas e políticos progressistas. (Da Sucursal)



Bancários querem Olívio

Contra a intervenção

Porto Alegre, RS — Cerca de 14 mil membros do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre já assinaram um documento exigindo a imediata entrega de seu sindicato, sob intervenção desde 6 de setembro de 1979. O abaixo-assinado, dirigido ao Ministro do Trabalho da ditadura, Murilo Macedo, a firma que a intervenção caracteriza-se como um ato de violência "ao nosso direito de nos organizarmos livre e democraticamente".

Jaguncismo

São Luis, MA — Moradores de Esperantinópolis fizeram várias denúncias das medidas arbitrárias adotadas pelo delegado Luis Gonzaga Almeida. Segundo os moradores, pistoleiros e grileiros exibem suas armas de fogo em qualquer lugar e em qualquer hora, desconhecendo o decreto baixado pelo delegado proibindo o porte de armas pelos cidadãos do município. Recentemente um lavrador foi preso por estar testando uma arma. Isso mostra que o delegado defende apenas os direitos dos grileiros.

Arcebispo: envenenado?

São Luis, MA — O arcebispo de São Luis, D. João da Motta, afirmou à imprensa que está inclinada a admitir envenenamento criminoso na morte do bispo de Carolina, D. Marcelino, ocorrida em janeiro em Belém do Pará. A morte do bispo, oficialmente, foi atribuída à leptospirose, uma doença do fígado. Mas até hoje não foi fornecido à Igreja o exame necrológico. Segundo D. Motta, D. Marcelino era "um ardoroso defensor dos posseiros de sua diocese". Depois de sua morte verificou-se uma ofensiva dos grileiros, que agora estão tentando expulsar mais de 600 famílias somente na região de Ribeirãozinho. (Da sucursal)



Povo da Penha vive na água

Fortaleza, CE — Há dias os moradores da Penha, uma das seis favelas do bairro de Bela Vista, vêm se reunindo e discutindo uma forma de melhorar as condições habitacionais da área: alagada e com alguns barracos desabando em consequência das últimas chuvas. Numa das reuniões, decidiram formar uma comissão para falar com a primeira dama do Estado. Mas não foram atendidos. Decidiram então, ali mesmo, saber algo sobre o tão badalado PROAFA — Programa de Assistência aos Alagados e Favelados — criado pelo governo em meados do ano passado. E o que se descobriu, em resumo, foi o seguinte: o BNH financia a construção de 110 mil moradias nos próximos cinco anos, mas somente para a camada que recebe entre 3 e 5 salários mínimos. Ou seja, vai atender mais uma vez apenas a uma minoria. Se houvesse um real interesse do governo na erradicação das favelas, ele proporcionaria empregos e salários justos para os trabalhadores brasileiros, única forma de resolver o problema. O resto é demagogia e exploração.

Ato contra aeroporto

Fortaleza, CE — A população do bairro de Montese realizou no dia 8 de março um ato público de protesto contra a transformação do aeroporto Pinto Martins em "internacional". A aeroporto Pinto Martins é um dos mais centrais de todo o país. Sua ampliação exigiria um aumento de 600 metros de pista, levando à derubada de mais de mil casas, à destruição da Praça dos Vaqueiros e a um desvio da ferrovia Parangaba-Macuripe, por onde circula toda a gasolina consumida pelo Estado. E custaria cerca de dois bilhões de cruzeiros. Em outras palavras, o projeto do Coronel Virgílio Távora, governador do Ceará, longe de beneficiar a população, deixaria mais de mil famílias desabrigadas, sem ter onde morar. (Da Sucursal)

MOBILIZAÇÃO NACIONAL EM DEFESA DA AMAZÔNIA
F. OJET DO G. V. ANO P. A EXP. OR. CAO D' AMAZA NIA
DIGA NÃO AO PACOTE

MDA contra o pacote florestal

São Paulo — No último dia 26 foi lançada a Mobilização Nacional em Defesa da Amazônia, com a presença de representantes de movimentos populares, sindicatos, universidades e partidos políticos. A campanha pretende impedir a aprovação do projeto de Política Florestal para a Amazônia enviado pelo general Figueiredo ao Congresso Nacional. Os Movimentos de Defesa da Amazônia de 15 Estados brasileiros, inclusive São Paulo, estão unificados e pretendem realizar manifestações públicas, debates e uma caravana à Brasília na época da votação do Projeto. Pretendem ainda entregar um abaixo-assinado aos parlamentares.

Mas para que o "pacote Florestal" seja derrotado, é imprescindível a participação de todos os que se preocupam com a soberania nacional, com os problemas dos indígenas, da posse da terra e todos os problemas sociais do país.

Greve no Ceará

Fortaleza, CE — Os estudantes da Universidade de Fortaleza continuam em greve protestando contra o aumento arbitrário das anuidades: 20% superior ao determinado pelo Governo Federal. Diante da prepotência do Sr. Edson Queirós, proprietário do estabelecimento, que se recusa a dialogar, os estudantes permanecem em assembleia permanente na Universidade. Além disso, vêm realizando manifestações e passeatas, visando divulgar sua justa luta e conquistar o apoio da população. Dois representantes dos estudantes foram a Brasília para discutir o aumento.

Vigilantes Unidos

Fortaleza, CE — Com a participação de cerca de 270 vigilantes foi fundada em 21 de março, no Sindicato dos Bancários, a Associação dos Vigilantes do Estado do Ceará, que já conta com 150 membros.

Os vigilantes estão otimistas, acreditando que a união de todos em torno da Associação poderá resolver muitas de suas dificuldades de vida e de trabalho. E já pensam em fundar brevemente seu Sindicato. Como afirmou o presidente Horácio Custódio à **Tribuna Operária**, "o objetivo da Associação é dar assistência jurídica, médico-odontológica e batalhar pelo bom salário".

Os vigilantes do Ceará, como de todo o Brasil, são duplamente explorados: pela empresa contratante, o banco, por exemplo, e pela firma contratada, que os emprega. E têm que trabalhar 200 horas por mês para ganhar o salário mínimo, que é de Cr\$ 2.172,00. O responsável por tudo, segundo os vigilantes, é o governo. Pois segundo o decreto-lei nº 1034, o serviço de guarda tem de ser contratado por firma particular. (Da sucursal)

Pelo direito dos artistas

Rio de Janeiro — 24 sindicatos e associações de trabalhadores em empresas de rádio, televisão e publicidade em todo o Brasil divulgaram uma carta aberta ao general Figueiredo, exigindo o cumprimento da lei que regulamenta o pagamento dos direitos autorais e conexos. Depois de denunciar a coação econômica que vêm sofrendo por parte das empresas, os artistas e radialistas afirmam: "Diante de tudo isso, solicitamos de Vossa Excelência (...) providências concretas e imediatas para o fiel cumprimento da lei que assegura os nossos direitos, por mais constrangedora que seja essa solicitação".

Delegado do Embu volta a atacar

Embu, SP — Entre 29 de janeiro e 2 de fevereiro foram presos 11 jovens neste município, sob suspeita de terem cometido algum delito. Esses jovens, entre os quais 9 menores e um com apenas 8 anos, foram submetidos ao pau de arara, choques elétricos, chuva frio e toda sorte de vexames.

Essas práticas de violência não são novidade no Embu. Já no ano passado, o mesmo delegado, Jurandir Gomes Martins, prendeu arbitrariamente 290 pessoas, em sua maioria trabalhadores, a pretexto de operação rotineira da polícia.

Devido ao pânico causado pela medida, a denúncia das prisões veio a público um mês após, quando a Pastoral dos Direitos Humanos de Campo Limpo encaminhou um documento à Comissão Justiça e Paz com cópias dos depoimentos dos jovens presos.

Ao denunciar tais arbitrariedades, a Comissão de Direitos Humanos, entidades de bairro e o Movimento contra a Carestia foram acusados de acobertar os assaltos e taxados de comunistas pelo delegado e pelo deputado Oscar Yasbek, do PDS.

A população se vê entre a cruz e a espada, sem segurança e vítima da repressão policial. Vem se reunindo em assembleia propondo mais segurança no bairro, mas rechaçando as torturas e outras arbitrariedades.

Segundo o advogado Armênio Marques, da Pastoral de Direitos Humanos, "o mais importante é que o problema da violência passa a ser discutido de uma maneira correta. A população começa a perceber que a melhor maneira de se garantir da violência policial é tornar o fato conhecido, público". O povo do Embu quer que cessem as arbitrariedades policiais, que se apure os responsáveis pelas torturas de menores e que estes sejam afastados.

Vitória: 30 creches

São Paulo — O Movimento de Luta por Creches comemora seu primeiro ano de vida com uma importante vitória: 30 creches deverão ser construídas na zona Sul, sendo 15 na zona de Santo Amaro e 15 na de Campo Limpo.

Diante desta vitória, o Movimento extrai as seguintes lições: 1 — para garantir a construção dessas creches, já prometidas pela Prefeitura, é importante prosseguir a luta firmemente e de forma unificada; 2 — O Movimento não vai se contentar com 30 creches. Seu objetivo é conseguir creches para todos os bairros

Alunos contra aumento

São Paulo — A Pontifícia Universidade Católica é um dos exemplos mais flagrantes da política educacional e social antipopular da ditadura. Em 1962, 80% das verbas da PUC provinham do Governo Federal. No ano passado essa percentagem caiu para apenas 1,47%, obrigando a Escola a contrair uma dívida que 75 milhões de cruzeiros junto ao Fundo de Assistência Social do Governo. Acrescido dos juros e correção monetária, esse montante sobe a 250 milhões de cruzeiros.

Segundo a própria Reitoria da PUC, "não haverá verbas para pagar os professores e funcionários a partir de maio próximo. E a partir daí, a Universidade será obrigada a interromper suas atividades por absoluta falta de recursos", já que o

deficit previsto para esse ano é de 109 milhões de cruzeiros. Apesar desta situação dramática, o Orçamento Federal deste ano destina a irrisória quantia de 4% para a Educação, enquanto que 33% são destinados às Forças Armadas e repressivas.

Diante desta situação, o DCE livre da PUC vem liderando uma campanha contra o aumento das anuidades superior a 35% e por mais verbas para a Educação. Em 24 de março, organizou uma caravana de alunos que foram a Brasília reivindicar mais verbas para a Escolas. Vem discutindo em cada sala de aula as formas de luta a serem adotadas com este objetivo. E no dia 10 de abril realizará uma assembleia para debater o assunto.

Despejo na favela

Caxias do Sul, RS — No dia 9 de março, por volta das 11 horas da noite, o chefe de fiscalização da prefeitura, acompanhado por 2 policiais, mandou destruir os barracos de populares no bairro de Magnabosco. A população do bairro é constituída por trabalhadores que, tangidos pela fome, o desemprego e a especulação imobiliária invadiram a área para ter onde morar.

Ao se darem conta da demolição, os moradores se reuniram para impedir mais um ato de arbitrariedade e violência. O fiscal pediu reforços. Como se estivessem numa guerra contra o povo, o comandante dos policiais, seus comandados e os fiscais se organizaram militarmente para um enfrentamento. Fizeram do bairro uma praça de guerra, partindo prá cima da multidão com cassetetes. Acabaram destruindo um barracão e roubando parte da madeira utilizada na construção. O presidente da Associação dos Mo-



Policia depreda Magnabosco

radadores do Bairro de Magnabosco, João Soares, declarou que estão sendo expulsos de lá por que as terras têm valor e os burgueses querem ficar com elas. Para João Soares só existe uma solução para o problema: "De uma hora para outra tem que haver uma reviravolta que tire este governo e ponha um governo do povo. Mas não sei quando, porque eles não vão querer entregar (as terras). Então o povo precisa se unir para derrubar este governo". (Da sucursal)

55 mil vão a dissídio

Porto Alegre, RS — 55 mil metalúrgicos de Porto Alegre entraram em dissídio e desta vez estão deixando bem claro que não vão se deixar enrolar pelas propostas enganadoras dos patrões nem pela demagogia da direção do sindicato. Para isso, as oposições ligadas ao boletim "Nós Metalúrgicos", com tiragem de 5 mil exemplares, vêm fazendo reuniões em diversos setores de fábricas, manifestando seu descontentamento com a "nova" política salarial do governo e com a posição conciliadora da direção do sindicato.

Esses combativos operários realizaram uma pesquisa para saber quais as reivindicações mais importantes a serem colocadas no dissídio. E já obtiveram uma vitória: as exigências fundamentais apontadas pela grande maioria foram aprovadas na primeira assembleia da categoria: índice oficial mais 15%, salário mínimo de Cr\$ 8.100,00, de-

legado sindical por 150 operários, com estabilidade de dois anos, e reajuste trimestral.

Na primeira assembleia, realizada em 21 de março, a presença de 600 metalúrgicos demonstra as dificuldades de mobilizar a categoria. Mas a disposição dos presentes era de "levar a diretoria até onde ela não quer ir e trazer os conciliadores a reboque da luta". A campanha está agora numa fase decisiva. A categoria está disposta a utilizar a arma da greve se os patrões se mostrarem intransigentes. Como afirmou um operário à **Tribuna Operária**, "apareceram pessoas dizendo que não podemos menosprezar a política salarial do governo para não desmobilizar os trabalhadores. Eles querem fechar nossa boca. Temos que lutar para não deixar os patrões manobram nossos destinos". (Da sucursal)



Encontro em Minas: o próximo será em Recife

Luta dos professores

Belo Horizonte, MG — Reunidos em assembleia, professores de todo o país decidiram pela continuidade de sua luta por melhores condições de trabalho e ensino. Nos próximos dias 5 e 6 reúne-se em Recife a Comissão de Preparação do I Congresso e encaminhamento das lutas. A Comissão deverá discutir a for-

mação de uma entidade nacional dos professores, que seja realmente representativa do conjunto da categoria. O Encontro representa um passo adiante no sentido de articular a nível nacional um importante setor da oposição brasileira na luta contra a ditadura.

Tribuna Operária
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívio Rangeli, Djalair Aguiar.
Jornalista Responsável: Walmir Marcelino
Endereço da Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista São Paulo, Capital - CEP 01325
Sucursais: Rio de Janeiro: Rua Joaquim Silva, 11, sala 307 - CEP 20241
Minas Gerais: Rua Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem - CEP 30000
Bahia: Rua Padre Vieira, 5, sala 307 - Salvador - CEP 40000
A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.
Endereço: Rua Beneficência Portuguesa, 44, conjunto 206 - fone: 228-5337 - CEP 01033 São Paulo, Capital. E composta e impressa nas oficinas da Cia. Editora Jorjões.

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA
Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.
ASSINATURA ANUAL DE APOIO
Nome
Endereço
Bairro Cidade
Estado
Estou remetendo um cheque de Cr\$ 500,00 para Editora Anita Garibaldi Ltda. Banco Itaú Ag. Jacequiel conta N° 03154, São Paulo - Capital.

POMAR, COMPANHEIRO E AMIGO

Pedro Pomar vai voltar ao Pará, onde nasceu. No próximo dia 8 de abril, os restos mortais desse dirigente do PC do Brasil, que foi assassinado pelos órgãos da repressão da ditadura, na Lapa, em São Paulo, em dezembro de 1976, serão trasladados a Belém. Ali, no dia 12 de abril, oitavo aniversário do início da guerrilha do Araguaia, Pomar será levado à sepultura definitiva, acompanhado e homenageado por seus familiares, por companheiros e amigos.

A Tribuna Operária entrevistou a respeito João Amazonas, outro dirigente do PC do Brasil, que foi o companheiro que mais tempo conviveu e trabalhou lado a lado com Pedro Pomar. Na rica entrevista, Amazonas contou episódios dos 40 anos de convivência fraterna e das lutas que juntos enfrentaram. Ambos paraenses, conheceram-se já como militantes do PC do Brasil, em 1935, em Belém. Em 1940, foram presos. Em 1941, fugiram juntos da prisão e empreenderam uma viagem aventureira até o Sul do país, com a polícia no encalço. Durante um mês e meio subiram o rio Tocantins de barco, continuaram a pé, passaram ao caminho até Anápolis, em Goiás. E, de lá, de trem, até o Rio de Janeiro, onde se puseram imediatamente a reorganizar o partido cuja organização tinha sido destruída pela ditadura do Estado Novo. Ali começaria um longo período de lutas em defesa da unidade do partido. A seguir, alguns trechos do relato de João Amazonas:

Um homem de partido

"Pomar foi um defensor intransigente do partido e da unidade do partido. Ele esteve sempre, em todas as lutas ideológicas que se travaram no Partido, contra as facções que se apresentaram visando dividir o partido, desviá-lo do seu caminho. Já o período de 1941 a 1945 é conhecido como um período de luta aguda contra o liquidacionismo. São cinco anos de uma batalha intensa. A própria reorganização do partido se dá no processo dessa luta. É preciso dizer que a desvantagem era grande. Veremos porque a verdade estava do nosso lado. Os elementos que se apresentavam como liquidacionistas, argumentavam que já não se justificava a existência do partido, que o partido dificultava a frente única indispensável para a vitória na guerra.

"Eram elementos de nome destacado: Fernando Lacerda, que tinha sido representante do nosso partido na Internacional Comunista. E trazia essa aureola de dirigente do partido, seu representante no Exterior. Aqui no Brasil, tomou posição a favor da liquidação do partido.

Os partidos da oposição (I)

Qual é a proposta do PT?

É inegável que dentro do PT, Partido dos Trabalhadores, aglutinam-se setores da oposição popular e democrática — de lideranças sindicais a parlamentares combativos, operários, intelectuais etc. — que há anos participam do movimento pela democratização do país. E um dos ramos em que se dividiu a oposição em consequência da reforma partidária restrita imposta e das ilusões democráticas espalhadas pela ditadura. Este é um dado da realidade e ele indica a necessidade de a oposição popular e democrática fazer esforços para manter-se unida na frente contra a ditadura, ainda que vários de seus setores encontrem-se espalhados pelos diversos partidos de oposição em processo de formação.

Essa busca de unidade não deve impedir, ao contrário, exige que as forças de oposição discutam as várias propostas programáticas dos partidos de oposição. O PT, por exemplo, qual é o conteúdo de sua proposta? Não tem ainda um programa, as várias correntes dentro do partido continuam a debater e levarão suas propostas para a próxima reunião nacional, a se realizar em poucos dias. Até aqui, o que de mais representativo o PT produziu em termos programáticos foi o manifesto aprovado na sua reunião nacional, de 10 de fevereiro último.

É importante combater a ditadura?

A derrubada da ditadura é o objetivo imediato prioritário de todas as forças democráticas e particularmente da oposição popular. A ditadura não acabou. Se houvesse alguma dúvida bastaria observar a atitude truculenta e os métodos arbitrários que o governo prepara para enfrentar a greve dos metalúrgicos do ABC e do Interior, que agora se inicia, para se constatar essa realidade. Entretanto, o Manifesto do PT de 10 de fevereiro caracteriza-se pela generalidade e vaguidão ao referir-se a esse ponto. Diz: "O PT lutará pela extinção de todos os mecanismos ditatoriais que reprimem e ameaçam a maioria da sociedade". Uma afirmação que, por si só, poderia ser assinada também pelo PP de Tancredo Neves.

Quando passa ao detalhamento da posição, o documento faz referência apenas ao direito de greve, ao atrelamento dos sindicatos ao Ministério do Trabalho, à liberdade de opinião e de cultura, à repressão policial e patronal... Não há nenhuma palavra sobre a continuidade da luta até a derrubada da ditadura e nem se refere aos pontos mínimos que vêm aglutinando amplos setores da oposição mais conseguinte ao regime, como a total revogação da legislação arbitrária, pela anistia ampla, geral e irrestrita, pela conquista de um governo democrático e provisório que convoque uma Assembléia Constituinte

Juntamente com ele, outros nomes expressivos, como Agildo Barata, que tinha sido comandante militar do movimento armado de 1935. E Carlos Marighela, Crispim. Em contrapartida, os que defendiam o direito à existência do partido eram pessoas desconhecidas, quase que completamente. Afinal, essa nova equipe — Arruda, Grabois, Pomar, eu também etc — eram pessoas que não tinham nenhuma posição no partido, na época, a não ser locais, naqueles lugares onde tínhamos atuado.

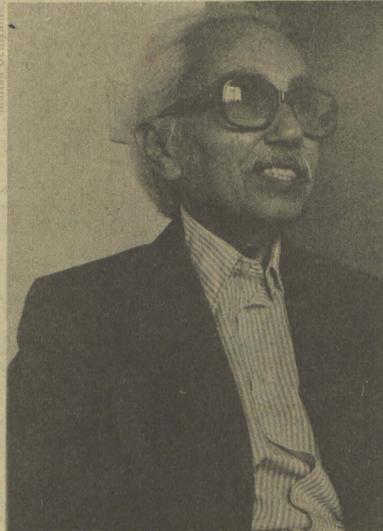
"Uma luta difícil, na qual Pomar se empenhou com todas as suas energias e que foi vitoriosa. Já no final da guerra e depois da anistia, a vida mesmo desmoralizou as idéias defendidas por todos esses elementos liquidacionistas. Venceu o que era correto, a reorganização do partido.

Contra o revisionismo

"Em seguida, foi o combate contra o revisionismo, já em 1956. Sob o pretexto de combate ao 'dogmatismo', ao 'mandonismo da direção', aos 'excessos de centralismo democrático', aos 'erros acumulados', se tratava de mudar efetivamente o caráter do partido. Nessa luta, que se inicia depois do 20º Congresso do PC da União Soviética, e que se acentua em 1957 e 1958, já com a viragem do partido no sentido do completo revisionismo, luta que vai até 1962, forma-se uma equipe de elementos marxistas-leninistas dentro do partido, que se opõe resolutamente ao revisionismo, que é uma minoria relativa dentro da direção do partido (chegamos em algumas votações a ter maioria por 13 votos contra 12 dentro do Comitê Central). Mas não era a influência principal dentro do partido, pois para onde Prestes se inclinava a situação se decidia. E Prestes aderiu ao revisionismo desde 1957-58. Aí se formou uma frente de luta, que persistiu durante esse período todo, da qual Pedro Pomar participou ativamente. No Congresso do partido fomos minoria. Corajosamente, esses elementos enfrentaram as posições revisionistas, marcaram suas posições. Entre esses camaradas se encontrava o Pomar, de maneira decidida. Foi um dos reorganizadores do partido em fevereiro de 1962.

"Mais adiante, em 1966, travou-se dentro do partido uma luta contra a chamada Ala Vermelha, que tentou levar o partido para o terreno do aventureirismo do foquismo. E procurou cindir o partido. Nessa luta também Pomar ocupou seu posto de combatente da unidade do partido, de defesa do partido.

"Pomar lutou sempre para que o parti-



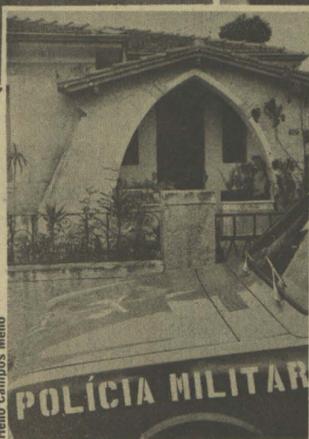
Amazonas: "Sempre estivemos juntos"

do pudesse se fortalecer. Foi sua preocupação constante durante esses anos, sempre quis desenvolver o partido, torná-lo à altura de sua missão, multiplicar suas forças. Particularmente depois da reorganização do partido é o período em que o Pomar escreve mais. Escreveu muitos artigos sobre a necessidade de desenvolver o partido. Também deu contribuições de conjunto na elaboração de documentos do partido.

Em terceiro lugar, a preocupação de Pomar foi sempre de levar o partido à luta, ligar o partido às massas, no esforço pela aplicação de sua linha. Como dirigente, esses foram os três pontos mais altos em que Pomar se destacava. Escreveu muitos artigos sobre orientação política e sobre problemas históricos de nosso povo, sobre heróis de nosso povo. Um dos melhores documentos existentes em nosso país sobre a história do país desde a independência foi Pomar que escreveu. Foi um documento discutido na direção do partido, mas o autor foi Pomar, publicado no sesquicentário da independência nacional, em 1972. Também escreveu sobre os combatentes do Araguaia. Escreveu sobre Bergson, e Francisco Chaves, que tombaram na luta no Araguaia.

Um companheiro e um amigo

"Receber a notícia da morte dos companheiros na tragédia da Lapa (eu estava no Exterior) foi um choque profundo. Nessa ocasião mesmo eu disse que o parti-



A tragédia da Lapa

Pomar deputado federal, em 1947

do perdia um grande dirigente no Pomar. Um homem que dedicou toda sua vida ao partido. Que não teve outras alegrias e outros anseios que não fossem aqueles que estavam intimamente ligados com a luta de nosso povo, com o socialismo e com a vitória do partido e da revolução. Mas que, ao mesmo tempo, eu perdia um amigo, um amigo de 40 anos. Desde que nós nos encontramos, desde o primeiro momento, criamos entre nós laços muito sólidos de amizade. Durante 40 anos sempre trabalhamos juntos e até mesmo moramos juntos em muitas oportunidades. Quando chegamos ao Rio, enfrentamos dificuldades tremendas depois da nossa viagem rocambolesca pelo Tocantins, fomos morar juntos num quarto da rua Marwell.

Depois, com a legalidade do partido, continuamos a morar juntos, nas Laranjeiras, durante muitos anos. Conhecia muito a família dele. Já conhecia a Catarina, a mulher dele, antes mesmo de eles se casarem, pessoa também muito amiga, muito estimada. Os filhos, praticamente vi-os todos pequeninos ainda. E, afinal, nesses anos todos se selou uma sólida amizade entre mim e Pomar. Considerava o Pomar um dos meus melhores amigos, além de companheiro de partido, com quem sempre estivemos juntos, com quem sempre conversamos, sobre os problemas até os mais pessoais, inclusive. Com a morte do Pomar perdi um desses amigos que a gente não consegue refazer ainda que voltasse à juventude".

58 anos do PC do Brasil

Depois de muitos anos, o 25 de março, aniversário do PC do Brasil, foi comemorado em São Paulo, com uma conferência do veterano dirigente comunista José Duarte, no Centro de Cultura Operária. O público, quase todo jovem, ouviu com emoção a história do partido, desde a sua fundação em 1922.

"É interessante verificar os jornais antigos — disse. Todos os dias diziam em manchete: 'Destruída a última célula do Partido Comunista, o último reduto'... Uma semana depois, diziam: 'Mais um reduto'... Assim está acontecendo até hoje, estão sempre 'acabando' com o partido da classe operária". Duarte também falou sobre as tentativas de destruir o partido internamente, recordando a fase de 1956 a 1962: "Foi quando os

revisionistas arrriaram a bandeira da revolução. E aí se reorganizou nosso partido. Convocou-se sua conferência, a 5ª Conferência Nacional Extraordinária, e ali se rompeu com o revisionismo. Elaborou-se um programa e um estatuto que são os que regem a vida do partido até hoje". E finalizou: "O Partido Comunista é a vanguarda da classe operária. O partido, correspondendo às necessidades históricas humanidades, é permanente, é perene como o rio Amazonas. Haja o que houver, aconteça o que acontecer, este partido jamais deixará de existir, até que cumpra sua missão histórica de dirigir a classe operária e acabar com todas as classes, acabar com a exploração do homem pelo homem".

Os parlamentares e a luta popular

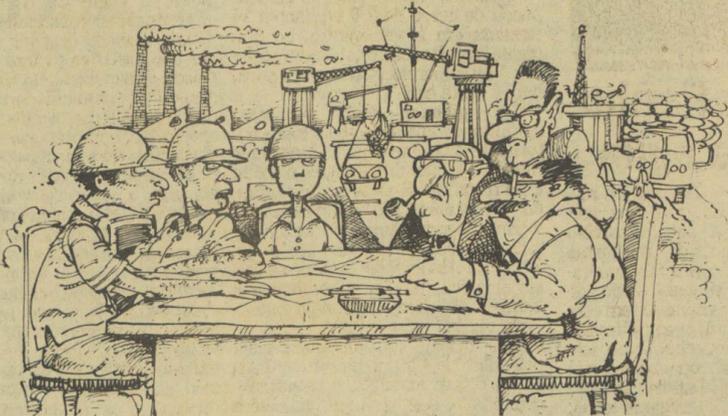
Fundador do grupo autêntico de parlamentares do MDB, o deputado federal Chico Pinto teve já seu mandato cassado, esteve preso, foi impedido de candidatar-se em 1974. Em 1978 voltou a ser eleito e agora é um dos líderes da Tendência Popular do PMDB.

"No início, a imprensa chamava o grupo autêntico de radical, palavra que dava um sentido de intolerância, etc. Lutamos por impor a denominação 'autêntico', porque achávamos que não dava falsas idéias. O grupo autêntico, composto de liberais e socialistas, era uma frente contra a ditadura. Porém, por ser heterogêneo, não era definido ideologicamente. Passada aquela fase, integrantes do grupo autêntico entenderam de formar a "Tendência Popular", dentro do PMDB. As tarefas da Tendência Popular são: 1 — Aumentar o nível de consciência das massas espoliadas do país; 2 — Ajudar a organizar as bases populares, as organizações de base da sociedade; 3 — Enfraquecer a ditadura até derrubá-la, conquistando todas as liberdades políticas e econômicas. A luta contra a ditadura não deve ter como objetivo apenas um formalismo democrático, mas sim permitir que a população brasileira, sobretudo os trabalhadores, participe do fruto de seu próprio trabalho.

Já dizia Lenin que o Parlamento não é uma instituição anti-revolucionária, embora não tenha dito também que o parlamento seria o eixo do processo de libertação do povo, só possível através da revolução popular.

O papel de um parlamento nas chamadas democracias formais é servir os interesses das classes dominantes.

Em regimes como o nosso, com o parlamento mantido e reduzido nas suas atribuições constitucionais, o seu papel é ainda menor. Mas de qualquer sorte não podemos desprezá-lo, porque alguns parlamentares comprometidos com o processo de transformação das estruturas



livremente eleita.

Será por considerar a luta contra a ditadura ultrapassada que o referido manifesto só fala nos "operários industriais, nos assalariados do comércio e dos serviços, funcionários públicos, moradores da periferia, trabalhadores autônomos, camponeses, trabalhadores rurais, mulheres, negros, estudantes, índios e outros setores explorados" como participantes da luta atual "após a prolongada e dura resistência democrática"? Será por isso que esquece da pequena burguesia, da média burguesia e até mesmo de certos setores vacilantes, como a burguesia liberal, que participam da ampla frente democrática que ainda continua necessária para derrotar a ditadura?

O Estado está acima das classes?

Outra questão: de que luta e com que perspectiva esses setores explorados que o manifesto nomeia são convidados a participar? Aceitando constituir-se como partido sob as regras antidemocráticas impostas pela ditadura, o PT pretende — conforme diz o manifesto — "chegar ao governo e à direção do Estado para realizar uma política democrática, do ponto de vista dos trabalhadores..." Ou seja, pretende chegar ao poder pela via eleitoral, apesar da ditadura. Depois que se instalar na direção do Estado (de que Estado?) pretende realizar "uma política democrática, do ponto de vista dos trabalhadores". E de se perguntar: qual a diferença dessa proposta daquela que é feita pelo PTB de Brizola?

Quanto à questão nacional, o manifesto limita-se a dizer que "o país só será efetivamente independente quando o Estado for dirigido pelas massas trabalhadoras". Embora seja uma verdade inquestionável, essa declaração atissonante não substitui a falta no manifesto de uma proposta de luta imediata contra o

capital estrangeiro. Outra omissão notável é a falta de qualquer referência à aspiração mais sentida de milhões de brasileiros, a Reforma Agrária.

A bandeira do socialismo também não é levantada uma única vez. O que o manifesto afirma é que "é preciso que o Estado se torne a expressão da sociedade". Expressão de toda a sociedade? Expressão também da burguesia monopolista, do latifúndio, do capital estrangeiro? Não teremos aqui a velha idéia errada de um Estado acima das classes? Todo político, por mais canhestro, sabe que o Estado é sempre a expressão de algumas classes, dominantes sobre outras, as dominadas.

Talvez o manifesto do PT não tenha feito referência à classe operária para facilitar sua legalização, já que a lei da reforma partidária não aceita partidos classistas. Talvez não se refira ao socialismo porque se pretende um partido de massas e poderia não ser aceito devido ao baixo nível de consciência política de parte das massas populares. Mas o socialismo é uma aspiração cada vez mais sentida dos trabalhadores. Não é por acaso que dentro das classes dominantes, desde Delfim Neto e Paulo Egydio e mesmo o próprio Figueiredo têm-se afirmado "socialistas".

Quando os inimigos jurados dos trabalhadores procuram lançar tanta confusão sobre o socialismo, nada mais oportuno, para não dizer obrigatório, para um partido que se diz dos trabalhadores, do que fazer a defesa do socialismo, do Estado da classe operária, depois de derrotado o Estado capitalista.

Propostas semelhantes a esta foram feitas pelos social-democratas na Alemanha Ocidental, na Inglaterra, na Suécia. Eles chegaram ao poder e o que se viu foi esses partidos gerindo "do ponto de vista dos trabalhadores", o Estado capitalista e imperialista contra os interesses dos trabalhadores desses países e do mundo inteiro. (Carlos Azevedo)



Chico Pinto



Geraldo Siqueira

sociais denunciam, reivindicam, se transformam em eco da rebeldia popular. É preciso fazer com que essas forças se unam para melhor organizá-las, para enfrentar o inimigo comum do povo, a ditadura capitalista".

Geraldo Siqueira, o Geraldinho, ex-líder estudantil, foi o primeiro deputado estadual de São Paulo a aderir ao PT:

"No Brasil, especificamente, a atividade parlamentar é mais limitada do que no parlamento burguês em geral. Você pouco pode fazer. Quando a gente pensa na ação parlamentar, só pode pensar integrada com a mobilização de base. Ai sim, existe algum poder de fogo, em termos de denúncia, de divulgação, esclarecimento, e também para jogar lenha na fogueira. Em certos momentos, pode até servir como referencial.

Em relação à atitude diante de um acontecimento como a greve metalúrgica, Geraldinho afirma: "É insuficiente o que a gente tem feito. É preciso estar na porta das fábricas, nos piquetes, tirando operários da mão da polícia, fazer a denúncia da tribuna... Mas será que não dá para fazer mais? Precisamos buscar outras formas de apoio. Foi o que a gente sentiu por exemplo na greve dos metalúrgicos de São Paulo, quando ficou na porta da fábrica mas feito barata tonta, impotente, enquanto assistia centenas de arbitrariedades. Na solidariedade à greve, cada partido de oposição tem que assumir, mas tem que haver uma interferência suprapartidária. A defesa do trabalhador deve unificar todos, inclusive aqueles que não têm partido. É uma intervenção num patamar superior".

No aniversário, bofetada na ditadura

AGRICULTORES CERCAM AS CIDADES

Centenas de milhares de agricultores do Centro-Sul protestaram nas ruas.

Os camponeses do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul disseram que iam "botar areia no aniversário da revolução", se o confisco da soja não caísse, e cumpriram o prometido. Calcula-se em centenas de milhares os lavradores que se mobilizaram no dia 31 de março bloqueando estradas e cidades com suas máquinas agrícolas. A revolta é contra o ministro Delfim Netto, responsável direto pelo confisco que faz cada sojicultor sofrer um prejuízo de cem cruzeiros por saca colhida.

Entre os cultivadores de soja existem agricultores abastados e até latifundiários, mas sobretudo uma grande massa de pequenos e médios arrendatários e proprietários. São eles que estão empurrando o movimento. Um líder rural gaúcho comenta que o governo com essa medida está ajudando os agricultores a se unirem e desejarem que caia não somente o confisco mas também aqueles que o implantaram. "Não é justo nós pagarmos a dívida externa se não fomos nós que a fizemos", diz ele.

Preparando o protesto do dia 31, 6 mil agricultores de todo o Rio Grande do Sul se reuniram em assembleia, dez dias antes, em Ijuí, e decidiram não comercializar um só quilo da soja colhida, não plantar trigo e paralisar as máquinas. Sobre as dívidas com o Banco do Brasil eles disseram: "Azar se ninguém pagar. Que se dane o banco". O clima de radicalização se manifestou também quando um grupo de deputados apresentou-se na assembleia. Não conseguiram nem chegar perto do microfone. "Vocês têm que vir aqui para nos ouvir", disse a comissão organizadora. "Os discursos dos deputados nós queremos ouvir lá na assembleia, lá no governo. Aqui falamos nós".

A agitação se espalhou pelo Sul, em incontáveis reuniões. E, o que é importante, levanta contra o governo Figueiredo um setor que tradicionalmente vinha votando na Arena. (Da Sucursal de Porto Alegre, do correspondente em Ijuí)

Oposição sindical

"Todos sabem da terrível luta que os camponeses do sul do Pará enfrentam contra a grilagem na disputa de cada palmo de terra. E muito especialmente os lavradores de Conceição do Araguaia. Aqui, temos mais de 80 grandes conflitos de terra conhecidos, afóra outros tantos desconhecidos". Este texto é da oposição sindical de Conceição do Araguaia, que está decidida a vencer as eleições marcadas para 29 de junho.



A rebelião da soja colocou em movimento centenas de milhares de lavradores indignados

"O atual presidente do Sindicato — prossegue o documento — é nada mais que um interventor nomeado pelo Exército desde 1974, tempo da guerrilha, que chega ao ponto de chamar a polícia para prender, dentro de uma assembleia geral, membros da oposição. Que tem a desfaçatez de servir na justiça de testemunha de defesa para os latifundiários contra os membros do próprio Sindicato. Chegou a hora de colocarmos um basta nisso. De retomarmos o Sindicato. De reconstruí-lo. De tirá-lo das mãos da ditadura e da burguesia e colocá-lo a serviço do povo".

Os trabalhadores rurais de Conceição pedem a ajuda política e material dos operários e de todos os democratas das cidades, dizendo que "sem concretizarmos, ainda que nos seus primeiros passos a aliança operário-camponesa, de forma objetiva, seremos derrotados, derrota que será também dos movimentos urbanos". (Da Sucursal)

Passeata no Pontal

No dia 23 de março mais de mil posseiros do Pontal da Gleba de Santa Rita, no extremo oeste de São Paulo, fizeram uma concentração e uma passeata em Teodoro Sampaio, exigindo uma reforma agrária no País e denunciando os latifun-

diários que querem expulsá-los da terra.

A passeata terminou no Sindicato Rural de Teodoro Sampaio, e a alegria dos presentes era um fato novo na região, porque segundo eles aquela é uma luta de todos aqueles que vivem no campo, é uma luta de todos os trabalhadores rurais.

Em continuação a essa manifestação, ocorreu em Presidente Prudente no dia 29 de março uma concentração de 300 pessoas convocada pelo movimento de apoio aos posseiros da Gleba. Na mesa estavam o deputado Mauro Bragato, representantes dos sindicatos, padres e posseiros da Gleba. Al também a fônica dos discursos foi a necessidade de uma reforma agrária imediata.

"Somos mais de cem famílias cultivando a Gleba há muitos anos — declarou um dos posseiros à Tribuna. Nós não queremos sair dali senão nós virmos bóia-fria (que ali tem muitos). Nós acreditamos que só uma reforma agrária resolve os problemas do campo neste país". (Do correspondente)

Santa Luzia contra grilo

Os camponeses de Santa Luzia, no Maranhão, já realizaram duas concentrações este ano contra a grilagem, a

última no dia 23 de março. A iniciativa partiu da oposição sindical, pois o antigo presidente do Sindicato, Nonatinho, foi cassado pelo regime militar e em seu lugar está agora o pelego Honorato de Oliveira. Policiais armados de metralhadoras também andam procurando amedrontar o povo do lugar, e na última concentração ficaram ostensivamente na porta do Sindicato. Mesmo assim, 600 lavradores e representantes de entidades maranhenses compareceram, debatendo durante 5 horas os seus problemas com os grileiros e a Polícia Militar.

Esteve presente o presidente da CONTAG, José Francisco, que declarou de público que, "se o sindicato não apóia a luta dos lavradores, a CONTAG apóia aqueles que apóiam os lavradores". (Do correspondente)

Tapera do Lima protesta

Tapera do Lima fica na Bahia, já perto da divisa com Sergipe, e também anda sofrendo com a grilagem. No dia 26, 80 posseiros que ocupam umas 300 tarefas no município mandaram uma comitiva até Salvador denunciando na FETAG os atos de vandalismo do grileiro Agnaldo.

"Essa briga tem mais de ano — ex-



Trabalhadores da cana em Alagoas: sem direitos

plicou um dos lavradores, seu Antônio. Eles já cercaram três vezes, nós derrubamos a cerca. Já roçamos umas 20 tarefas de terra, fizemos casa de palha, taipa, um começo de tanque. A polícia e o oficial da justiça passaram o arame do grileiro no lugar de nosso". Outro comentou: "Se ele derrubar, nós temos que enfrentar, e ele não vai ter bom fimado".

No meio da conversa, um camponês de Marcelino Souza também deu sua opinião: "Tem que brigar para ter sindicato. O sindicato é nossa força".

Severino Tenório dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Branquinha, está convencido de que só a reforma agrária radical solucionará este e outros problemas do campo. Ele já foi ameaçado de morte várias vezes por promover discussões dos problemas da região com os associados, mas continua firme.

Na zona canavieira, milhares de trabalhadores não têm nem um teto para protegê-los. Foram trazidos de outras áreas do Nordeste, agora estão desempregados e não têm moradia nem recursos para retornar. Nessa situação, apenas o rio Mandau fornece algum sustento a muitos plantadores de cana. (Da Sucursal de Alagoas)

Prestes diz que PCB não é vanguarda

Luis Carlos Prestes divulgou no dia 31 de março uma longa carta em que reconhece: 1) que seu partido, o PC Brasileiro, não exerce o papel de vanguarda da classe operária e do povo; 2) que sua orientação política está superada; 3) que também no passado o partido foi incapaz de se preparar para os anos negros do fascismo; 4) que ele próprio, Prestes, é o principal responsável por estes "erros e deformações"; 5) que a direção do partido é uma direção falida.

CRISE PROLONGADA

O súbito furor crítico e autocrítico do "cavaleiro da esperança" abre mais um capítulo de uma crise que vem de longe e se aguçou sobretudo depois de 1964. Depois do golpe, muita gente se desencantou com a linha pacifista e de confiança no "espírito democrático das Forças Armadas", que os fatos haviam desmentido. O partido sofreu várias cisões. Agora, com a "abertura", a divisão volta a campear, mas com outro caráter. Não é mais um conflito entre revolucionários e reformistas. É uma disputa entre duas orientações reformistas de tonalidades distintas: a linha "eurocomunista" e a "prestista".

AS DUAS LINHAS DO PCB

Naturalmente estes rótulos só servem para dar uma idéia aproximada da luta que se trava. Em linhas gerais, os "eurocomunistas" são mais ousados no esforço para dançar segundo a nova música da "abertura", enquanto os "prestistas" mostram-se mais cautelosos. Os primeiros propuseram de público uma "assembleia constituinte com Figueiredo", os últimos não. Uns querem se legalizar logo, os outros acham que é precipitado. Os "euros" detêm o controle da direção partidária, enquanto Prestes procura tirar partido de sua auréola, que vem dos tem-

Flávia livre, vitória do povo

"A libertação da Flávia será possível fundamentalmente graças à luta popular, liderada pelo Comitê Brasileiro de Anistia, pelo Movimento Feminino pela Anistia e por todas as organizações democráticas, como a Ordem dos Advogados do Brasil, a Associação Brasileira de Imprensa, a Cúria Metropolitana. Enfim: devido a uma soma de esforços das forças populares e progressistas do país". Essa afirmação é de Paulo Shilling, pai da brasileira Flávia Shilling, encarcerada há mais de sete anos no Uruguai. Falando à Tribuna Operária, ele destacou ainda o importante papel desempenhado pela imprensa alternativa na campanha pela libertação de Flávia.

Flávia Shilling deverá ser libertada



pos da Coluna, há 55 anos. Já no plano internacional, Prestes diz que "orgulha-se" de ser chamado agente de Moscou, ao passo que os seus adversários aparentam uma maior distância da orientação soviética.

APARECEM OS PODRES

A disputa, ao que parece, ainda vai render bastante. E no calor da polêmica muitos podres do partido vão vindo à tona, enquanto outros "graves acontecimentos", apenas mencionados por Prestes, não foram revelados "devido à situação de clandestinidade em que nos encontramos".

Mas mesmo que só a ponta do iceberg esteja à tona, os erros e deformações que Prestes levanta já bastam para que se questione se um partido como o retratado na carta merece ser chamado de comunista. (Bernardo Joffily)



finalmente no dia 8 de abril. Lideradas pelo CBA, as forças democráticas e populares vêm se preparando para homenagear essa combatente que lutou ao lado de seus irmãos uruguaios contra a opressão e a tirania.



Contra a demolição

Estudantes defendem prédio da UNE

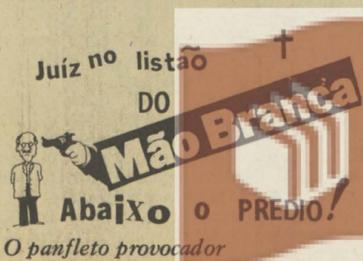
Cerca de mil estudantes participaram no sábado dia 22 de um ato público que, segundo Rui César, presidente da UNE, foi "um repúdio à invasão policial-militar do nosso prédio para desalojar os estudantes".

O pretexto para a invasão do prédio da UNE na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro, foi que o edifício precisa ser demolido, por não ter condições de segurança. Mas segundo um orador do ato, "se algo precisa ser demolido neste país é a ditadura militar". Ao que outro acrescentou: "Só há perigo de vida neste local enquanto os guardas permanecerem lá dentro e a tropa de choque da PM aqui fora".

Estavam presentes várias entidades estudantis de diversos Estados, o Comitê Brasileiro de Anistia, o Comitê de Defesa da Amazônia, outras entidades e parlamentares.

O sr. Marciano, presidente da Associação dos Moradores do Flamengo falou em solidariedade aos estudantes, mostrando que toda a população do bairro precisa conservar o prédio como patrimônio cultural e político. Várias entidades presentes distribuíram notas de repúdio à invasão e algumas estão propondo a imediata ocupação do prédio pelos estudantes, para defender seu patrimônio (a antiga sede da UNE, antes um clube nazista tomado pelos estudantes durante a II Guerra Mundial, foi fechada e incendiada por ocasião do golpe de 1964).

A política destruiu no ato um panfleto terrorista, assinado pelo "sinistro Mão Branca", ameaçando o juiz Aarão Reis, que concedeu liminar suspendendo a derrubada do prédio, a qual já estava sendo feita sorrateiramente, começando pelos fundos. (Da Sucursal)



O panfleto provocador

1º de Maio unitário e combativo

Falta menos de um mês para o 1º de Maio, a grande assembleia geral dos trabalhadores de todo o mundo. No Brasil, ele será comemorado pela segunda vez desde o início da "época das greves". Foi-se o tempo em que os operários passavam o 1º de Maio rangendo os dentes de revolta contida, enquanto a ditadura vomitava demagogia sobre a colaboração entre o trabalho e o capital. A luta dos trabalhadores entrou numa fase nova, de ascenso, que contagia o Brasil inteiro.

Criaram-se assim as condições para um grande 1º de Maio, unitário, combativo e de repercussão, em escala nacional, nas capitais e no interior.

A Intersindical, que reúne as direções sindicais mais ativas do país, já tomou a iniciativa de lutar por manifestações unificadas em cada cidade ou região. É um fato positivo. Mas o sucesso deste 1º de Maio está nas mãos de cada um e de todos os trabalhadores conscientes do Brasil. Existem muitas forças batalhando contra essas manifestações. Em primeiro

lugar o governo Figueiredo e seus representantes locais, o patronato, os pelegos, e ainda as tendências sectárias e divisionistas dentro do movimento operário. Vai ser preciso arregaçar as mangas e trabalhar duro, com ousadia, iniciativa, grande espírito unitário e habilidade.

Onde isto acontecer, e precisa acontecer desde já, teremos uma grande data de solidariedade entre os trabalhadores. Em primeiro lugar de solidariedade aos que se encontram em luta no momento atual, aos grevistas que desafiam e enfrentam a nova lei do arrocho salarial. Também de união entre os explorados da cidade e do campo, cujas lutas convergem para objetivos comuns. Teremos igualmente uma data de protesto político, contra o regime antioperário e antipopular, pela conquista da mais ampla liberdade política. E de conagração com todos os trabalhadores, de todos os países, que se empenham na mesma batalha contra a servidão capitalista.

Já começa a preparação

A preparação para o 1º de maio unificado já está em curso em vários Estados. Em São Paulo, a partir de iniciativa da Intersindical, já vêm se realizando debates preparatórios e está em elaboração um cartaz de convocação para a manifestação. Em Belo Horizonte, Minas Gerais, representantes de 13 sindicatos urbanos e de 10 sindicatos rurais reuniram-se em 22 de março para iniciar a preparação. E, apesar dos obstáculos criados por pelegos e por representantes do jornal "Hora do Povo", foi eleita uma comissão regional para a preparação do 1º de maio unificado.

Também em Salvador, Bahia, o 1º de maio já está sendo preparado. Foi eleita

uma comissão de coordenação geral composta pelas seguintes entidades e sindicatos: Sindicato dos químicos, dos bancários, dos petroleiros, dos jornalistas, Associação dos Profissionais Veterinários, Federação dos Trabalhadores na Agricultura, Trabalho Conjunto de Bairros e APAS.

Em Santa Luzia, no interior do Maranhão, a oposição sindical tomou a iniciativa de propor a preparação do 1º de maio, já que o sindicato local de trabalhadores rurais está sob intervenção e há a oposição do interventor nomeado pelo Ministério do Trabalho.

Atentados terroristas

Com diferença de poucas horas bombas explodiram na redação do jornal "Hora do Povo" e na sede da "Convergência Socialista", no Rio de Janeiro. Além disso, máquinas de escrever e telefones daquele jornal foram destruídos com ácido. Esses atos terroristas vêm se juntar a atos do governo contra a imprensa, como a apreensão de uma recente edição do "Pasquim" e o processo contra jornalistas do "Coajornal", do Rio Grande do Sul.

Embora o governo tenha tentado se desvincular dos atentados terroristas, criticando-os e prometendo investigar e punir os responsáveis (quando um atentado desse tipo foi punido durante os 16 anos de ditadura?) é um fato que tanto esses atentados como os processos contra a

imprensa atuam no mesmo sentido, de tentar intimidar a oposição e a imprensa de oposição e impedir a divulgação das denúncias da política antipopular do regime militar.

Esses atos fascistas têm íntima conexão com outros do mesmo tipo, que vêm ocorrendo nos últimos tempos. Como a colocação de bombas nos escritórios de Leonel Brizola e do advogado Sobral Pinto, bem como na sala onde Gregório Bezerra ia fazer uma conferência. Sem condições para continuar a aplicar os antigos métodos de repressão fascista aberta, o sistema procura conter a maré oposicionista apelando para atentados terroristas. É o velho estilo de provocações fascistas.

O povo vai cobrar a carestia de Figueiredo

Em Salvador, o Movimento Contra a Carestia convoca congresso nacional. E em agosto exigirá em Brasília medidas reais contra a inflação e a fome.

Minha gente do país
Sê bem vinda na Bahia
Para juntar nossas forças
Contra o arrocho e a carestia

Cantados com a música de "Asa Branca", estes versos receberam os participantes do 2º Encontro Contra a Carestia, em Salvador, nos dias 22 e 23 de março: cerca de 200 pessoas, trabalhadores, donas-de-casa e jovens, de 15 delegações, representando 11 Estados.

tavam que uma iniciativa deste tipo seria inoportuna, não teria condições de êxito. Depois de um debate intenso, mas democrático e num espírito de unidade, venceu a proposta do congresso, marcado para novembro.

Pedro de Oliveira, da coordenação do MCC de São Paulo, explicou da seguinte forma a decisão: "O futuro da luta dos trabalhadores da cidade e do campo neste ano se apresenta muito favorável. Por outro lado, a crise criada por este regime de exploração se agrava a cada dia. Daí a importância do 1º Congresso Nacional Contra a Carestia, com o objetivo de estudar as experiências de luta do povo e dar um salto de qualidade na organização do movimento".

O governo é o culpado

"Lutamos até com garfo"

O encontro foi aberto com os informes sobre a luta em cada Estado. Dona Ana, da Zona Leste de São Paulo, foi uma das oradoras mais aplaudidas: "Se a gente não mexer na terra — disse ela — não consegue baixa de preço nenhuma. A terra só virá com luta, não virá de mão beijada. Lutaremos até com garfo, mas vamos lutar". Muito aplaudida também foi Inês, do MCC de Alagoas: "Os bispos decidiram pela reforma agrária nas terras da Igreja. E preciso que se cobre isso, pois a Igreja é uma grande latifundiária".

A noite foi exibido o filme "Braços cruzados, máquinas paradas". Toda vez que Santo Dias aparecia na tela, o público se manifestava, gritando: "Companheiro Santo, você está presente!"

Congresso em novembro

As discussões foram quentes, sobretudo em torno da proposta de realização de um congresso nacional contra a carestia. Os representantes da Zona Sul de São Paulo e de Salvador argumen-

Mas a principal decisão do encontro foi a de enviar uma caravana nacional a Brasília. Será uma caravana ampla, que insistirá em ser recebida pelo general Figueiredo no dia 27 de agosto. O objetivo da audiência será entregar um abaixo-assinado do movimento e cobrar as exigências que ele vem fazendo. Na mesma época um documento será divulgado nacionalmente, em manifestações públicas tão amplas quanto possível. Segundo os líderes do MCC, "a ida a Brasília cumprirá importante papel na identificação do principal responsável pela desgraça do povo brasileiro; o governo Figueiredo, legítimo representante das forças mais reacionárias do país". (Da Sucursal de Salvador)

Pelegos e militares unem-se para enganar portuários

TRAICÃO!

O repentino e surpreendente final da greve dos portuários de Santos deixa uma importante lição para as quatro categorias envolvidas no movimento e para todos os trabalhadores. Eles foram vilmente traídos pelos pelegos das diretorias dos quatro sindicatos, que estavam combinados com o comandante Antonio Cesar Andrade, capitão dos portos do Estado de São Paulo.

Essa greve, que rompeu com 16 anos de opressão e humilhação dos operários do porto, tinha-se tornado um grave problema para o governo. Foi assumida pela totalidade dos trabalhadores, tornando inoperante a ação policial e militar porque não havia piquetes.

Conchavando e pressionando os diretores pelegos dos sindicatos o capitão dos portos conseguiu que eles quebrassem a Unidade Portuária realizando assembleias separadas. Um plano conjugado de boatos, contra-informações e ameaças levou as assembleias, paralelas, à confusão. Cada categoria recebia a infor-

mação de que a outra havia desistido da greve e, assim, acabaram voltando ao trabalho num momento em que a disposição era de continuar. No sindicato dos portuários, por exemplo, a votação mostrou que 80 por cento pretendiam continuar em greve.

Ainda assim a greve obteve vitórias importantes. Houve uma conquista econômica e houve também a conquista maior de os portuários voltarem a fazer greve após 16 anos de opressão e humilhação, rompendo a legislação anti-greve. Os pelegos tiveram de se desmascarar e certamente vão pagar por isso nas próximas eleições sindicais.

Outras lições podem ser extraídas: a de que, apesar dos pelegos na direção, os trabalhadores conseguem fazer greves e se se organizarem na base podem inclusive derrotá-los. Além disso, fica mais uma vez evidente que a unidade, sendo em si uma boa coisa, não pode ser feita com os pelegos, os conciliadores e traidores da classe operária.

Motoristas de ônibus do Rio denunciam a superexploração

Escravidão nos transportes

"Os patrões pensam que o motorista faz parte do motor, que nasceu ligado na alavanca de mudança. O nosso horário, junto com o trocador, é de 10 horas direto, sem hora de refeição, só com um pequeno intervalo de 5 minutos entre uma viagem e outra. As duas horas extras são obrigatórias para todo mundo, cada quatro trabalhadores ocupam o lugar de um colega que fica desempregado". E o protesto de um motorista de Bangu, subúrbio carioca. Outros trabalhadores se aproximam e vão montando o quadro da exploração dos rodoviários.

O motorista trabalha num ritmo de tensão constante, qualquer descuido pode ser fatal. "E a gente trabalha direito, não relaxa, tem de cumprir o horário de qualquer jeito. Por isso tem tanto motorista pinel (louco)". Outro acrescenta: "Ainda por cima os passageiros acabam desabafando em cima de nós a impaciência por viajarem esmagados e pagando caro. Quando a gente faz greve os patrões jogam os passageiros contra a gente, botam trabalhador contra trabalhador e ficam assistindo".

Os direitos valem pouco

Já está comprovado que o transporte de massa em geral não é lucrativo. Mas com o regime atual os empresários conseguem lucros, explorando brutalmente trocadores e motoristas, e mamando subsídios concedidos pelo governo.

O trocador paga o assalto

Uma trocadora, grávida, reclama: "Veja as condições, apertada aqui neste banco. No fim do dia estou com o corpo todo moído. E o pior é que não posso me alimentar, não dá tempo". Outra mostra o joelho, machucado de tanto bater na caixa de dinheiro e ter de controlar a roleta.

O pior é quem trabalha de noite. Em caso de assalto os patrões exigem que o trocador pague a fêria roubada. "Eles querem é que a gente arrisque a vida resistindo ao assalto para defender a empresa. Eu fui assaltado outro dia e me recusei a pagar. Estão me pressionando e me ameaçam de mandar embora. Vou botar o caso na Justiça mas não pago. Isto é outro assalto que a empresa quer me fazer".

Um despachante pede para falar também: "O nome de safado, puxa-saco e tudo mais, a gente é que leva. Nós não

temos as mínimas condições de trabalho, às vezes trabalhamos sentados num caixote. E se a gente cumpre as ordens rígidas da empresa o motorista e o trocador reclamam, com razão. Se não o cumpre, o patrão vem em cima".

Só sobe o lucro do patrão

Para incentivar o motorista e o trocador a pegarem mais passageiros, as empresas instituem um prêmio, o "bife", a partir de um certo número de pessoas transportadas. "E uma mixaria, aqui é de 10 cruzeiros por dia, mas em outros lugares chega a 50. Aos poucos a categoria vai vendendo que o bife não resolve nada. E uma forma de corromper a gente. Em vez de lutar por melhores salários a gente se mata para dar mais lucro em troca de migalhas".

Com toda essa exploração, a maioria dos motoristas e trocadores do Rio de Janeiro mora em barracos e a tendência é piorar, pois os aluguéis sobem mais do que os salários.

Todo mundo na briga

"Como é que se resolve isso? E preciso que a gente se organize. Mas não é só os rodoviários não. Todo mundo tem que entrar nessa briga. Aqui no nosso sindicato a diretoria faz o jogo do patrão. O Sebastião Ataíde, pelego, fez um acordo contra toda a categoria no fim do ano passado. Nós perdemos o aumento de dezembro e o acordo que ele fez dividiu a categoria nos aumentos de janeiro: os motoristas ficaram com 44%, os cobradores com 35% e os despachantes com 33%.

Um motorista diz que "é difícil a organização dos rodoviários, por que a gente não tem tempo nem para conversar com o trocador que trabalha no mesmo carro". Porém acrescenta: "Mas nós temos muita força. Se a gente pára, pára a cidade toda. E preciso que a categoria tenha consciência disto. No ano passado, nós fizemos mais de uma greve e aprendemos muito". E um trocador agrega: "Mas tem companheiro que fala que é da oposição e concilia. Precisamos avançar na nossa luta. Estamos sabendo que a oposição dos rodoviários venceu em São Paulo e que no ABC estão também perto de derrubar o pelego. Isso dá uma força para toda a categoria." (Da Sucursal do Rio de Janeiro)



Beth entusiasmou a platéia falando da greve dos metalúrgicos cearenses

No final do encontro, a Tribuna Operária ouviu alguns operários e donas-de-casa de vários Estados:

Elisabeth, metalúrgica e representante da União das Comunidades da Grande Fortaleza: "O encontro foi um acontecimento de alta importância. Apesar das divergências, chegou-se à unidade. As discordâncias são fruto do trabalho. Apesar delas, nós sabemos que os objetivos são os mesmos, de conseguir uma sociedade justa e acabar com a ditadura militar, as multinacionais e o capitalismo". Beth disse ainda: "O 1º de Maio unificado, todos nós temos que fazer. E uma maneira de mostrar para o governo que o povo não aguenta mais ficar parado, de braços cruzados".

José Freitas, metalúrgico e membro da comissão estadual do MCC no Rio Grande do Sul: "São donas-de-casa, camponeses, operários, participando ativamente, falando diretamente em nome deles próprios, sem delegar poderes a quem não representa seus interesses. E grande no povo trabalhador o sentimento de revolta contra as multinacionais e os latifundiários. O modelo econômico que defende estes interesses é INTERNACIONAL".

Um brasileiro na Nicarágua (II)

Uma revolução de todo o povo

Nossa primeira surpresa — conta Luis Eduardo Greenhalgh — foi quando chegamos a Manágua. No aeroporto Augusto César Sandino uma faixa dizia: "Bem vindo à Nicarágua livre". A segunda foi quando um cidadão da alfândega nos disse: "Ah! brasileiros? Temos alguns brasileiros que participaram destacadamente no processo da insurreição".

Na saída do aeroporto vimos camionetas, furgões e micro-ônibus, oferecidos pelo governo à população, grátis. Qualquer cidadão no meio da rua estendia a mão e a camioneta parava. La transportando trabalhadores, donas-de-casa, gente com as mais variadas bagagens: galinha, porco, etc. Saímos do aeroporto de ônibus. No caminho fomos vendo as casas e indústrias destruídas por bombardeios. Era o saldo da guerra, como nos afirmou um passageiro.

A revolução das crianças

Vimos pela rua os milicianos da Frente Sandinista de Libertação. E nos surpreendíamos com a idade deles; muitos eram crianças. Conversamos com um que tinha 10 anos. Perguntamos se era da Frente: "Seis meses antes da tomada do poder eu já militava na Frente". Ele estava de revólver na cinta. "Você sabe mexer com isso?" — perguntei. E ele: "Não sabia, mas quando a gente tem necessidade, aprende. E eu tive necessidade, assim como todo o povo da Nicarágua".

A juventude foi o motor decisivo e determinante nas barricadas. Por isso é que os membros da FSLN são carinhosamente chamados pela população de "muchachos", garotos. A revolução sandinista foi uma revolução de "muchachos" e "muchachas".

As mulheres combatentes

Foi também uma revolução das mulheres. Nas outras lutas populares da história da Nicarágua a mulher era a companheira do combatente, aquela que cozinhava, lavava as roupas, curava as feridas. Mas na revolução sandinista ela era também combatente (35% dos efetivos da guerrilha). Seu valor, sua pericia militar, sua formação política le-

El Salvador

"A insurreição é um direito"

O selvagem assassinato do arcebispo de San Salvador, Dom Oscar Romero, recolocou na ordem do dia, de forma dramática, o problema da violência na América Latina. Dom Oscar não era um revolucionário. De formação conservadora, apenas teve a honestidade de colocar-se ao lado do seu povo quando o país mergulhou na crise atual. Mesmo assim, a contra-revolução abateu-o a tiros, assim como assassinou, no mesmo dia, 25 camponeses da aldeia de Tachito.

No dia 30 de março, durante o sepultamento do arcebispo, outra provocação: os padres que oficiavam a missa, o próprio cadáver de Dom Oscar e a multidão de mais de cem mil pessoas que assistiam à cerimônia foram alvejados pelas tropas da Guarda Nacional. No tumulto que se criou, pelo menos 27 pessoas morreram.

De onde vem a violência

A violência contra-revolucionária não vem de hoje em El Salvador. Até o ano passado, uma ditadura clássica dominava o país a ferro e fogo. No final do ano, um golpe substituiu o antigo regime por um governo militar-civil, dotado de um programa reformista. Os Estados Unidos, que sempre mandaram em El

mais os grandes capitalistas brasileiros é visto como o grande causador da desgraça do povo. E o atual regime, que é o seu suporte político, não merece nenhum crédito". José acha também que o congresso "vai exigir de nós um grande esforço de preparação para que haja participação do povo, unindo as forças populares e sendo um marco na luta".

Uma dona-de-casa da periferia de Salvador: "Esta é uma das melhores lutas que pode haver. A gente está morrendo de fome, oprimida, chega no INPS, ninguém tem vez, chega no hospital e sempre encontra as portas fechadas. A porta só está aberta do lado da burguesia, para quem tem alguma coisa, tem nome. O pobre, o trabalhador, a mãe de família, não tem vez nenhuma. Mas com fome ninguém vive. O operário está ganhando uma miséria e por isso ele tem que lutar junto com o MCC até a gente ter uma vitória". E acrescenta, com entusiasmo: "Eu gostaria que todas as donas de casa do meu bairro estivessem aqui para ver essa força, esses pronunciamentos, que isso dá uma coragem muito grande para a gente continuar na luta".



Encontro do MCC gaúcho

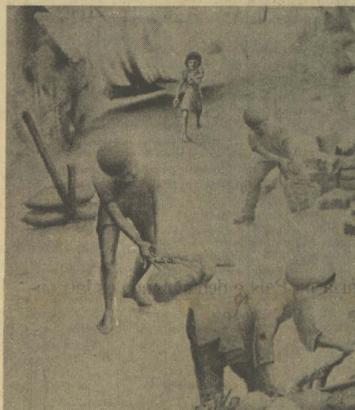
Porto Alegre: polícia do lado da carestia

Em Porto Alegre, no dia 28 de março, a polícia mostrou mais uma vez de que lado está o governo na luta contra a carestia. A "passeata da panela e da marmitta vazia", pelo congelamento dos preços dos alimentos, pela meia passagem operária nos ônibus e pelo cancelamento do confisco da soja, foi violentamente reprimida pela Brigada Militar, a PM gaúcha.

Os manifestantes, mais de 2 mil, sobretudo gente pobre da periferia, foram espancados com rara brutalidade. Vários ficaram feridos e dois foram detidos.

A manifestação tinha sido convocada pelo I Encontro Estadual do Movimento Contra a Carestia, realizado no dia 9, com 500 participantes, dezenas de associações de bairros, sindicatos, entidades e associações profissionais, da capital e do interior. O dia 28 de março fora escolhido como homenagem a Edson Luis, assassinado pela PM do Rio de Janeiro quando lutava com seus colegas para baixar o preço das refeições do restaurante estudantil do Calabouço.

Em Santa Maria, no interior do Estado, outra concentração contra a carestia reuniu cerca de mil pessoas. (Da Sucursal do Rio Grande do Sul)



Desenho nicaraguense: meninos na luta



Mulheres também vão à guerra

varam-na às primeiras filas da luta, em cargos de direção, até o grau de comandante. A mulher nicaraguense jogou um papel importantíssimo na preparação política, psicológica e organizativa da guerra.

Monimbó, cidade-heroina

Nos 45 anos de luta contra a ditadura somozista o povo participou maciçamente. Mas foi a partir do assassinato do jornalista Pedro Chamorro que as massas irromperam no cenário político com uma presença e uma autonomia até então desconhecidas.

Monimbó, município perto de Manágua, foi o primeiro local a se rebelar. E uma cidade com tradição legendaria de artesanato e, agora, na arte da guerra popular. Monimbó iniciou as barricadas. E inventou as bombas de contato.

As bombas de contato eram bombas de fabricação caseira, que explodiam ao contato com uma superfície sólida. Eram utilizadas pelas crianças para destruir os tanques de guerra da Guarda Nacional.

Conversamos com diversas pessoas sobre o que achavam da revolução. Não houve ninguém que não dissesse que havia participado. Havia até um certo exagero, cada um tentando dizer que tinha dado uma contribuição maior.

Num ônibus com destino a Monimbó, um passageiro nos contou que nos últimos dois anos a Guarda Nacional invadia bairros, casas e cidades executando jovens sumariamente. Isso gerou um movimento contrário da população, no sentido de mandar os filhos para a montanha, para a guerrilha.

Vitória de todo o povo

Esse homem nos disse quando ficou sabendo que a Guarda Nacional assassinara oito crianças da idade dos filhos dele, fez uma reunião em casa, à noite e disse: "Meus filhos, é melhor vocês irem lutar nas montanhas, junto com a Frente Sandinista, porque lá vocês têm uma chance de escaparem vivos e vitoriosos". E naquela noite ele fez tantas barricadas junto com a mulher que no dia seguinte, quando a cidade amanheceu, já não havia mais pedras, porque ele tinha usado todas.

E assim mesmo. A população faz uma certa lenda em torno da guerra e de sua participação. Porque para eles parecia impossível destruir a Guarda Nacional, a Escola de Treinamento de Infancia Blindada e o próprio Somoza. E todo mundo, o povo inteiro quer partilhar esta vitória.



San Salvador: nasce uma barricada

provocações visando precipitar uma insurreição popular antes de haver todas as condições para a vitória definitiva sobre a reação.

Crise revolucionária

Os combatentes salvadorenhos se acautelam contra uma ofensiva final prematura, que poderia abortar. Mas o fato é que a crise revolucionária amadurece, e rapidamente, no país. A ideia da revolução se impõe junto a setores cada vez mais numerosos. O próprio Dom Oscar Romero dizia, ainda há pouco: "Quando uma ditadura atenta gravemente contra os direitos humanos e o bem comum da nação, quando se fecham os canais do diálogo, o entendimento e a racionalidade, então a Igreja fala do 'último recurso' à violência insurrecional".



fala o POVO

Povo de Buritama está unido

Buritama, pequena cidade da Zona Noroeste do Estado de São Paulo, próxima a Araçatuba, cuja população trabalhadora é composta principalmente de assalariados rurais, começa a se organizar para a criação de sua Associação Amigos de Bairro.

A população do "Patrimônio da Santa" (o bairro tem esse nome porque os terrenos foram doados pela Igreja, cansada do abandono em que o bairro se encontra, pois a prefeitura sequer coleta lixo das ruas empoeiradas, resolveu unir os seus protestos e o fruto desta união já se faz sentir na cidade. Recentemente o prefeito Sebastião Domingues Parra, mancomunado com alguns vereadores do PDS, tentou quase sigilosamente transferir o controle e exploração do Serviço Autônomo de Água e Esgotos de Buritama para controle da Sabesp de São Paulo. A Sabesp já tinha um imóvel para instalar seus escritórios mesmo antes da votação da Câmara.

O povo se uniu e elaborou um abaixo-assinado protestando contra a medida que, segundo os popu-

lares, "daria ao governo aquilo que foi pago e construído por nós". E ainda diziam: "se a Sabesp não dá conta nem de São Paulo como pode ela investir no interior?". Consideravam que se a transferência se efetivasse seria um poderoso instrumento de pressão política contra o município, caso viesse a divergir do poder estadual.

Diante da pressão popular o projeto não alcançou a maioria de dois terços para ser aprovado e foi recusado. O povo daqui aprendeu muito com essa vitória e percebe cada vez mais que o poder popular é mais forte que a vontade do prefeito e mais forte que a vontade do Maluf, que não pôde concretizar o seu desejo de explorar e subjugar o povo de Buritama.

Com isto o processo de organização do povo em torno da criação da Associação Amigos de Bairro se acelerou e as reuniões têm se sucedido semanalmente, ora na casa de um ora na casa de outro, para que todos fiquem sabendo dos objetivos e da importância de sua criação para melhor encaminhar as reivindicações populares. (R. - Buritama - SP)

Dissemos que São Paulo ia parar. E parou.

Esta é para o povo saber o que foi a "revolução" de 64. Eu trabalhava nessa época na FNM. Foi mandado embora por causa da interferência militar ali. (...) Em seguida veio a brutal intervenção no sindicato. Mas não deixamos de lutar.

Com muitas prisões e perseguições, fui participando da vida diária do sindicato. Em 1968 foi eleito para a diretoria do sindicato. (...)

Em 1969 fui preso quando pregava cartazes anunciando assembleia da categoria. (...) Passei 64 dias de terror. Em 1974 fui preso em casa. Me botaram um capuz e sumiram comigo por 17 dias. Fui torturado de forma diferente, porque eu tinha uma carteira de diabete: me suspenderam pelos braços e outros me enfiavam castete de borracha no pé da barriga e torciam em seguida. Isso para esmagar as artérias que levam o sangue para as pernas. Fui solto e depois de um tempo comecei a ter dificuldade de andar. Fui hospitalizado no Hospital Andaraí já com as pernas meio gangrenadas. (...) Me amputaram a perna direita bem em cima, ficou com cinco centímetros. A outra continuou com má circulação. Quatro meses depois gangrenou o dedo mindinho e parte do pé.

Nesse sistema de torturar diabéticos, essas bestas-feras brasileiras estiveram coordenadas com os americanos lá no Vietnã.

Não chega isso, um lutador pela causa da classe operária, militante ativo de nosso sindicato, foi preso primeiro que eu pelos mesmos torturadores. Eles botaram o capuz no companheiro Aureo Ferreira e sumiram com ele. Quando ele apareceu estava botando sangue pela boca e em seguida morreu.

E mais o meu sobrinho. Este não mais apareceu. Era um jovem de 26 anos, vítima da ditadura.

Aureo Ferreira foi um grande companheiro. Pegávamos o mesmo trem da Santos-Jundiaí. Estivemos juntos nas grandes lutas do povo, como a passeata das panelas vazias e a grande greve de São Paulo, em 1963, quando o governador Lucas Garcez disse que São Paulo não podia parar. Nós dissemos juntos que São Paulo ia parar, e parou. (João de Deus - Rio de Janeiro, RJ)



"Uma enorme multidão em passeata, gritando: 'Você é explorado, não fique ai parado!'"

Quantos votos perdidos eu dei!

Sou um favelado que nunca fui à Associação do meu bairro porque não estava acreditando em mais nada. Eu e minha família vínhamos votando sempre na Arena e de tanto sofrer resolvemos mudar para o MDB. Fomos surpreendidos com outra decepção pois o candidato que elegemos vendeu-se para o governo. Fiquei confuso em tudo, sem saber distinguir os gatos das lebres.

De repente, me veio uma resposta. Estava eu na parada do ônibus quando vi uma enorme multidão em passeata que interrompia todo o trânsito gritando em voz bem alta: "Você que é explorado, não fique ai parado!". "A terra é do povo e não do tubarão!", - Deus do céu, que é isso!?! - pensei. Logo vi um amigo no meio do pas-

seio que me falou que a polícia havia jogado carro por cima do povo e posto um revólver no ouvido de um dos participantes, tudo a mando do deputado Ubiratan Hespinele.

No meio do passeio vi de longe uma luz muito forte. Tremi: Deus do céu, será a polícia outra vez? Será que estes bandidos vão ter escrupulos de vampiros com tanta criança, senhora e velhinhas aqui em nosso meio? Logo acalmei os nervos e me veio uma alegria de arrepiar ao perceber que eram os rapazes da TV Canal 4.

Falei com um dos dirigentes do bairro e ele me falou que havia enviado convite para todos os políticos, tanto os da Arena como do MDB. Porque os deputados da Arena não foram nos ajudar? Não

dizem que são duas e uma é contra o governo? Penso que eles são realmente contra o governo. Mas penso também que são igualmente contra o povo.

Esconderam-se. Que canalhas! Quantos votos dei perdidos! O que me emocionou mais foi que só falou gente pobre. Já no final várias pessoas gritavam pedindo para ouvir um deputado. Um mulato favelado que segurou o microfone do começo ao fim gritou por povo: "Companheiros, o deputado de vocês somos nós mesmos! O que vamos fazer é ler uma nota de apoio a nossa luta que acabo de receber do PMDB".

Estou escrevendo para vocês porque os jornais daqui estão inventando, procurando confundir o nosso trabalho com o dos políticos. (C.F.D. - Cuiabá, MT)



Nordestinos, cuidado com as ilusões do Norte

Um grito de alerta deve ser lançado aos nordestinos que deixam sua região em busca de trabalho em outras regiões do país. O governador do Amazonas criou uma Comissão Executiva da Borracha, no dia 25 de janeiro de 1980. Ele quer ver 5 mil pessoas trabalhando na plantação de seringueiras (árvore da borracha).

Os nordestinos precisam saber qual é a real situação dos trabalhadores no Norte: quem está trabalhando nos seringais está sofrendo toda sorte de miséria: os salários são baixos; não existe assistência para os trabalhadores e suas famílias. Os poderosos prometem tudo de bom, prometem médico, prometem escolas, mas fica tudo na promessa. (...)

São os próprios trabalhadores do Norte que estão preocupados com os companheiros que marcham para lá em busca de emprego e melhores condições de vida, motivados por falsas propagandas de projetos como a Comissão Executiva da Borracha, pois sabem que quem sai do Nordeste para o

Norte só vai piorar de vida. Os nordestinos e trabalhadores de outras regiões não devem portanto acreditar nas promessas de bons salários, de assistência médica, de escolas, pois nada disso acontece com os companheiros que já estão trabalhando no Norte (...)

Outro aspecto a frisar diante destas manobras governamentais é que elas enfraquecem a luta dos trabalhadores. Um exemplo: se os trabalhadores do Norte se mobilizam em torno de uma luta na área da borracha, por determinadas reivindicações, os governadores da região seriam obrigados a atendê-los. Mas se (estes governadores) conseguem êxitos em projetos como a Comissão Executiva da Borracha, cobrindo com trabalhadores de outras regiões as vagas daqueles que estão lutando, conseguirão também enfraquecer as lutas de classe no país. Além de garantir o aparato do sistema capitalista, usa como arma contra o trabalhador, o próprio trabalhador. (G.F.S. - Recife, PE)

Ricos põem fogo nas casas dos pobres

Lembro-me de quando morávamos na beira da praia, Praia dos Quatro Coqueiros. Lá não vivíamos muito bem, mas tinha o mar para quem fosse pescador, procurava-se alguma coisa para sobreviver.

Vivíamos de biscate na casa dos ricos do Bairro Novo mesmo. Sabe o que aconteceu conosco para sairmos de lá? Não foi só água (enchente) que nos botou para fora, mas o fogo. Botaram fogo nas nossas casas. Sabe quem botou fogo nas nossas casas? Foram os que se julgavam ricos, homens de poder.

Ficamos sem casa, móveis, roupas e até sem comida para manter nossa vida. Passamos seis meses neste sofrimento, então eles chegaram novamente nos ameaçando, querendo nos tirar dos abrigos, dizendo que iam nos botar nossas casas em outros lugares. Isso foi um engano que a mesma Prefeitura fez, botaram-nos num bairro. Podemos dizer que nos jogaram lá feito bichos, em vãos cobertos de palha, rodeado de táboas, o piso era buraco e o terreno minava água quando chovia. (...) Isso ocorreu em 1971 e se não aceitássemos vir para a vila, pagavam-nos Cr\$ 50,00 e uma feira. Começamos a nos organizar no



bairro com 300 famílias. O que iríamos fazer sem escolas, sem salário, sem fossa e sem água, se o carro do lixo não passava no bairro? A Prefeitura dizendo que ia botar a gente dali a 6 meses e depois nos transferir para outro lugar melhor, mas ela nunca cumpriu o dever de uma Prefeitura com os bairros pobres. (...)

A Prefeitura, a semana passada, já mandou gente com palavras bonitas para nos enganar novamente. Mas fiquem sabendo Prefeitura e o senhor Prefeito que nós somos os mesmos do fogo que vocês mandaram botar e que sua atitude serviu como professor para a nossa vida. Os ricos e a Prefeitura de Olinda não dão nada a ninguém, antes tiram o pouco dos pobres. Sofremos na pele, é por isso que digo. (M.J.D. - Olinda, PE)

Amazônia é nossa

I
A Amazônia é nossa
Por que dizer que não?
Estão querendo entregá-la,
Lutemos por ela então

II
A Amazônia faz parte
do território brasileiro
Mas quem a está explorando
São somente os estrangeiros

III
Os estrangeiros derrubam
A nossa grande floresta
Vendida por Figueiredo
Um governo que não presta

IV
Abaixo a ditadura
Abaixo as multinacionais
Queremos a Amazônia
Bons salários e muito mais

V
Viva a Amazônia
Cheia de riquezas mil
Viva a justiça do povo
E a liberdade do Brasil

(E.X.S. - 13 anos, Montes Claros, MG)

Sapateiros: ganhamos mas o governo vetou

Sou um operário que venho atentamente lendo o jornal e discutindo com alguns companheiros. (...) E por este motivo venho por meio desta solicitar, se for possível, o seguinte:

No dia 15 de fevereiro nós ganhamos as eleições na nossa entidade (o Sindicato dos Sapateiros), mas sofremos várias pressões. No dia 7 de fevereiro, o delegado regional substituído do Ceará, Sr. Geraldo Queixada, vetou os nomes de João Ferreira de Vasconcelos e José Maria Tabosa.

Solicitamos que divulguem a nossa vitória no jornal Tribuna Operária e nossa dificuldade (que enfrentamos) devido aos pelegos e órgãos ministeriais. (...)

Companheiros: no dia 2 de fevereiro participei do lançamento do jornal no Centro Comunitário de Pamplona. Dei várias opiniões para os operários adquirirem o jornal. Já li o nº 8, gostei muito da linguagem. Só lamento que esta linguagem fale muito "povo" e não massa operária. Pois o J. Macedo também é povo e é um patriota nacional. Tanto faz o nacional como internacional, nosso maior inimigo é "patrão". (J.M.T. - Fortaleza, CE)

Motoristas de BH traídos por pelego

Os motoristas e trocadores de Belo Horizonte e Contagem não conseguiram levar sua campanha salarial a bom termo. O sindicato pelego assumiu a luta e conseguiu manobrar, esvaziando tudo. Conseguiu isolar as pessoas mais combativas da categoria. O pelego iniciou suas manobras ao marcar a primeira assembleia para apenas 19 dias antes do dissídio. Além disso, marcou num domingo e num local até engraçado: em frente ao Departamento de Investigações da Polícia, no Sindicato dos Tecelões. A consequência foi o pequeno comparecimento: apenas 350 pessoas numa categoria de 13.000.

Durante a assembleia não deixou ninguém falar e aproveitando a falta de um comando, esvaziou as principais reivindicações, as mais mobilizadoras, propondo 25 outras, em sua maioria secundárias. As principais propostas eram: Cr\$ 12.000,00 para os motoristas, Cr\$ 1.500,00 acima do mínimo para os trocadores, Cr\$ 2.000,00 acima do mínimo para fiscal, passe livre nos ônibus da cidade e 50% por hora extra. O pelego se "esqueceu" também de marcar um prazo para a resposta dos patrões. Mesmo sabendo que a categoria estava disposta a assumir uma greve, deixou "escorregar" o prazo até o dissídio.

A segunda assembleia só foi realizada 3 dias após o dissídio. (...) Perante 1.500 pessoas o pelego leu a proposta patronal: Cr\$ 10.500,00 para motorista, mais ajuda de condução (Cr\$ 320,00) e ajuda de uniforme (Cr\$ 180,00); Cr\$ 4.500 para trocador, incluindo as "ajudas" e Cr\$ 5.500,00 para fiscal. Nada se falou sobre hora extra e passe livre. Foi muito vaiado nessa hora. Havia muitos policiais à paisana criando o pano de fundo para as palavras do pelego, que advertia sobre o perigo de uma greve. (...)

No final, a certeza de que não se pode deixar a campanha na mão dessa diretoria pelega e de que, na próxima, a mobilização tem que começar pelo menos dois meses e meio antes, com um comando formado. A certeza da necessidade de, nas eleições de 1981, colocar na diretoria do sindicato elementos realmente comprometidos com os interesses da categoria (Um motorista leitor da Tribuna - Belo Horizonte, MG)

O povo de Monte Alto não precisa de Policarpo

Sendo eu uma leitora assídua deste jornal, gosto de ler as denúncias que todos os brasileiros têm a liberdade de escrever, coisas que em outros jornais não temos.

Eu, como todos os trabalhadores brasileiros, tenho uma denúncia a fazer. Sou uma animadora da Igreja Nossa Senhora Aparecida, na localidade de Mangueira. A Igreja e a Pastoral da Terra estão desenvolvendo lá um trabalho de sindicalização dos trabalhadores rurais de Palmas de Monte Alto. Como a sede do sindicato fica em Guanambi, a 42 km da cidade, os trabalhadores sentiram dificuldade de se locomover para fazer a carteira de sócio do sindicato: o transporte é caro na região, a passagem é de Cr\$ 200,00 ida e volta, coisa que não podem pagar, porque ganham de 80 a 100 cruzeiros por dia. Os sindicalizados e os que não são ainda, resolveram fazer um abaixo-assinado para a Federação dos Trabalhadores Rurais da Bahia, para exigir uma sede em nosso município.

Estando nós, no dia 19 de março

de 1980, coletando assinaturas de outros trabalhadores para completarmos o abaixo-assinado, que já estava com umas 180 assinaturas, fomos interceptados por um vereador desta cidade por nome Policarpo. Ele dizia que estávamos fazendo política. Explicamos para ele que estávamos fazendo um abaixo-assinado para mandar a Salvador, para a Federação, para conseguir a sede na nossa cidade, que chegava a viver a reboque de Guanambi. Ele disse que era mentira nossa, que quando Palmas de Monte Alto precisasse de sindicato o governo mandaria sem que ninguém pedisse. Ele inclusive desatou um companheiro nosso, dizendo que ele não era homem e que "ia crescer rabo" na gente. Por que, não sei. Tudo isso se deu em praça pública, num dia de feira. Muitos trabalhadores assistiram esta cena. E mais um político impedindo o povo de se organizar para viver uma vida melhor. Ele disse que gente de mão não precisava de sindicato. (L.M.S. - Palmas de Monte Alto, BA)

Afinal,

quem manda na cooperativa?

Quero emitir a todos os meus companheiros da Tribuna Operária a nossa admiração pelo jornal, que vem ganhando destaque entre nós, trabalhadores do campo e operários em geral, porque é o único jornal em que o trabalhador tem liberdade de emitir seus pensamentos.

Em primeiro lugar quero esclarecer os problemas de nossa cooperativa (Cooperativa Agrícola de Irrigação de Ceraíma): o nosso produto foi depositado desde abril de 1979 e até hoje, abril de 1980, ainda não foi comercializado. (...) Outra coisa: pagamos juros altíssimos no banco, quando o colono acha quem lhe empreste dinheiro. E nosso produto, no mês de novembro, deveria ser vendido pelo preço de hoje. Isso é um princípio sem lógica e arbitrário desse gerente, o Sr. Antônio Arantes de Freitas. Além disso, tem os impostos da Cooperativa, que passa a mão na metade da renda dos colonos. (...)

Vamos falar agora da assistência técnica. Esta é dirigida pelos técnicos da EMATER S/A tendo na gerência a Dra. Lúcia. Ela não permite que os colonos passem herbicida com os tratores, sendo que os tratores são dos próprios colonos, porque foram comprados com o dinheiro deles, mas ainda não têm o direito de usar. (...)

Em termos de financiamento (custeio agrícola) são poucos. Quando vem o financiamento já vem descontada a água que os colonos não vão usar. As vezes cobram 6 ou 7 mil cruzeiros dos quais o colono não chega a gastar metade. (...)

O colono José Ines Rodrigues, vendo os problemas da região, solicitou a vinda do diretor José Olímpio da CODEVASF, que não deu nenhuma atenção. Solicitado em nome de 90 colonos, este homem não respeitou os trabalhadores que tanto lutam pela grandeza deste país e não têm valor nem de um cachorro qualquer. Os colonos queriam abordar os problemas existentes na área: os produtos eram vendidos e só aparecia a metade (do dinheiro); a taxa de consumo de água era de 80 cruzeiros, passou para 120 cruzeiros. Tudo isso traçado pelo gerente Arantes. Motivo este porque os colonos não aceitaram mais este homem aqui (J.R. - Associado da Cooperativa de Ceraíma, BA)

Fundação Maurício Grabois

Prá ninguém esquecer os crimes da ditadura

Há oito anos, precisamente em 29 de março de 1972, Antônio Marcos Pinto de Oliveira foi assassinado aos 22 anos de idade, por agentes de segurança do DOI/CODI, Polícia do Exército, no Rio de Janeiro.

Desde sua adolescência, sempre se sensibilizou diante da opressão vivida pelo povo brasileiro desde 1964 e, inconformado, se engajou em vários movimentos de oposição ao regime.

Como secundarista, Antônio Marcos atuou no movimento estudantil de 1967-68 no grêmio de sua escola, João Alfredo, e na Juventude Estudantil Católica, sempre empenhado na luta maior de todo o povo pela derrubada da ditadura militar.

Prosseguindo nessa linha de conduta, pela construção de uma sociedade mais justa, socialista, assumiu um trabalho junto a setores populares de Oswaldo Cruz (bairro do subúrbio carioca). (...) Esse trabalho era desenvolvido pelo Grupo de Jovens de Oswaldo Cruz, cuja sede funcionava na Igreja N. S. Medianeira. (...)

Como ocorre toda vez que o movimento popular passa a ganhar maior expressão e vulto, a polícia da ditadura, já bem conhecida por todos nós, usando seus métodos de terror, infâmias, torturas, violên-

cia, reprimiu e desmantelou o trabalho, prendendo grande parte dos elementos do grupo, inclusive o pároco da Igreja. (...)



Antônio Marcos, "falecido em consequência de feridas transfixantes de tórax e abdomen, com perfuração de pulmão, coração, fígado, estômago e rins" - um massacre praticado pelo DOI-CODI.

Desta forma, Antônio Marcos viu-se forçado a entrar para a clandestinidade, prosseguindo coerentemente em sua opção revolucionária.

Em 29 de março de 1972, por ocasião da prisão e assassinato em massa de elementos ligados à VAR-Palmares, assim como outras organizações atuantes de esquerda, Antônio Marcos foi surpreendido por agentes do DOI-CODI na residência de um companheiro, sendo lá assassinado juntamente com Maria Regina Leite Lobo Figueiredo e Ligia Maria Salgado Nóbrega, então grávida. (...)

Nossa família foi atingida diretamente, sendo envolvida nesse clima de violências e terror, através de ameaças e coações. Nós, autores desta carta, fomos também atingidos (e como!). Por sermos irmãos de Antônio Marcos e estarmos engajados na mesma luta, fomos presos, levados encapuçados para a P.E. (DOI-CODI), torturados e forçados a ouvir de nossos algozes a maneira covarde utilizada no assassinato do nosso irmão.

Este é mais um dos depoimentos que, temos certeza, ficarão na nossa história, testemunhando o governo Médici com seu "milagre econômico" e sua máquina de propaganda. (Fátima e Januário de Oliveira - Rio de Janeiro, RJ)

Antônio Borges, um herói

Devemos nos lembrar de todos aqueles que deram seu suor, seu sacrifício, sua dor, seu sangue e sua vida em favor da causa do povo, ao lado do povo.

Alguns desses heróis tornaram-se muito conhecidos e são reverenciados ao morrer, como foi o caso de Diógenes Arruda, muito meritadamente. Há, contudo, centenas de milhares de outros heróis por este Brasil afora, que apesar de desconhecidos, quase anônimos, deram tudo de si, lutaram com despreendimento contra a ditadura e por isso acabaram sofrendo nas mãos de seus algozes, nos seus sinistros porões, chamados de DOI-CODI, DÓPS, OBAN, etc., resistindo ali, ainda, ao seu cruel inimigo.

Foi o caso de Antônio Borges de Oliveira. De origem camponesa, de uma cidade do interior do Piauí, foi parar, um dia, no Rio de Janeiro. Lá, trabalhando como bancário,

participou de várias lutas, greves e uma infinidade de movimentos de massa desde antes do golpe de abril de 64.

O golpe vitorioso e a opressão se aprofundando não tiraram Borges da luta. (...) Em 1974, numa série de prisões no Rio, Borges caiu nas garras da ditadura, acusado de pertencer ao PC do Brasil. Sequestrado em sua casa, ficou desaparecido por 60 dias. Estava no DOI-CODI do Rio, onde sofreu terríveis torturas. (...) Mas isso também não quebrou sua vontade, sua disposição de luta. Saíndo de lá após 60 dias, não conseguiu retornar ao emprego, porque os patrões não mais o aceitaram. (...) Mudando de cidade, foi para Juiz de Fora. Já então estava trabalhando como propagandista de laboratório farmacêutico, profissão que vinha mantendo até então. (...)

Borges morreu com 42 anos,

cheio de vida. Teve rompimento de um aneurisma cerebral, vindo a falecer após a cirurgia, em 28 de fevereiro deste ano.

O Borges se foi. Porém permanece imortal nas coisas que deixou. Deixou seu exemplo de luta para seus companheiros, seus amigos, sua mulher, seus filhos e para todos os que tiveram a oportunidade de conviver com ele. Deixou, o que foi o seu traço marcante, o exemplo da sua humildade e simplicidade, trazidas de sua origem e nunca perdidas. (...)

Ganharam os que o conheceram, porque com ele aprenderam. Perdeu a revolução brasileira um lutador sincero e dedicado. (...)

O povo saberá lembrar-se dos seus heróis. E Borges, como tantos outros, foi um herói do povo. (Um companheiro de Antônio Borges-Salvador, BA)

O ônibus subiu

O operário levanta Bem cedo, de madrugada Bota a mochila nas costas E sai numa disparada Que o ronco ele ouviu O ônibus vem na estrada

A condução atrasada Vem roncando na ladeira Ele engole o café Bebe água da geladeira Se despedia da família E sai numa corredeira

A vida já é tão dura Pro pobre do operário Que tem que fazer milagre Prá viver com seu salário Inda tem que agüentar ônibus fora do horário

A firma do empresário só pensa em ganhar dinheiro Aumentou pra 6 cruzeiro A passagem de seus ônibus Coitado dos passageiros.

Essa firma, companheiro, Paga mal os empregados Cobrador e motorista Tem salário mixado Trabalhando feito doido Prá receber uns trocado

Se a despesa subia, Combustível e ordenado Pague com o lucro da firmas Não mexa em nossos trocados Compre ônibus e outras coisas Com o seu lucro juntado

Não temos tempo para ter medo

O regime que está aí é podre e decadente, e os velhos caciques que são os donos do poder já não se agüentam nas pernas. Conhecem a força do povo, sabem que não é este o regime que nós queremos e por isso usam a repressão como uma forma de defesa. Agem como a cobra, que ataca para se defender.

Nós devemos renegar esses homens e o seu regime antidemocrático, esses homens que não se sentem obrigados a um mínimo de solidariedade ou dever para com um povo. Devemos acordar para um ideal de luta por uma sociedade mais justa e mais humana, nos levantando contra eles, que são nossos inimigos e enganadores do povo. (...)

Devemos partir para a luta e lutar, mas lutar sem medo, que a vida é muito curta e nós não temos tempo para ter medo.

A vida é dura e nós sentimos a dureza da vida. Por isso nós somos os brasileiros não conformados com a má distribuição da riqueza social



Danúbio Azul é como vampiro

Todo mundo sabe que as leis trabalhistas no Brasil beneficiam mais o patrão do que o empregado. Acontece que na Viação Danúbio Azul nem mesmo estas leis são respeitadas. Cobradores e motoristas têm um contrato de trabalho de 10 horas: 8 horas normais e 2 horas extras. As horas que passam desse limite são pagas como horas normais, sem qualquer acréscimo. E tem mais: o valor dessas horas não consta na folha de pagamento e nem é fornecido qualquer comprovante dessas horas que são chamadas de "fominha" e pagas todos os sábados.

Com isso, além de prejudicar os empregados, a firma rouba o próprio governo, porque não paga a taxa de INPS.

O controle do nosso ponto é feito em pedaços de papel onde o fiscal marca a hora de entrada a caneta

e a hora de saída a lápis. No escritório esses dados são modificados para fazer o horário parecer de acordo com a lei. (...)

Outra irregularidade é a chamada "duas pegadas". E quando o empregado trabalha algumas horas de manhã e volta à tarde para terminar a jornada, descansando de 3 a 5 horas. Isso é usado como ameaça aos empregados, que sempre precisam fazer muita hora para garantir o pão, pois a "duas pegadas" amarra o sujeito o dia todo e só dá 8 hs de trabalho.

Tá certo que os capitalistas precisam de ter lucro, mas a Danúbio Azul tá indo longe demais. Será que ela não se envergonha de chupar tanto sangue de seus empregados? E de morte trabalhar na Viação Danúbio Azul. (Um funcionário da Danúbio Azul - São Paulo, SP)

As Andorinhas do Araguaia

Desperta, desperta Araguaia! Desperta e canta um hino Levanta-se, Andorinha! E bate as asas alegres esvoaçantes E agora descei do povo os sobreviventes

Descei para junto de mim entre estes heróis

Vindos do sul e do norte, habitantes Seguindo-te. Marcha Araguaia com as tropas da Liberdade!

Grita aos ouvidos do mundo o grito da Esperança! o grito da Verdade!

Cante o canto do Amor dos homens! Os guerrilheiros são um povo que desafia a morte

Da mesma forma que sob a mata fria

Desafiaram os generais e travaram combate

E travaram combate os coronéis, marechais e s.c.dados

Junto às águas do Araguaia Não levaram a vitória fácil.

Desde os Vales e montes combateram Combateram o oculto Das órbitas das estrelas do céu.



A torrente do rio os arrastou A velha torrente A torrente do Araguaia Ouví então, o atroar dos cascos ao tropel.

Ao tropel dos soldados Amaldiçoados Amaldiçoados os soldados, os marechais, generais e seus sequazes!

Porque vieram pisotear, trucidar Os valentes Os heróis

Os guerrilheiros do Araguaia Vós que sois como o sol Quando nasce resplandecente Vós que repousais hoje na terra Terra regada pelo sangue O sangue herói O sangue valente...

Das andorinhas do Araguaia. (V.A.M. - Imperatriz, MA)

Cabo Chicão e Boris são torturadores

Dois agentes da Polícia Federal foram denunciados dia 6 de março aos juizes das Varas Criminais de Juiz de Fora por sete rapazes presos sob "acusação" de porte de maconha. Na sede da Polícia Federal, segundo os depoimentos dos jovens, estes foram submetidos a choques elétricos, cassetetes, barras de ferro, cigarros acesos e tapas, além de socos e chutes que lhes provocaram diversas marcas nas costas, braços, peito, pernas e pés.

Os sete rapazes foram unânimes em apontar os agentes Ayde, mais conhecido como "Cabo Chicão" e Aldeir Dório Gonçalves, mais conhecido como "Bóris", como torturadores; afirmaram ainda que para sufocar os gritos de dor, eles ligavam o rádio no volume máximo, além de baterem em latas vazias. Por determinação dos

juizes, os sete foram conduzidos ao Gabinete de Medicina Legal para que fizessem exame de corpo de delito que será anexado aos inquéritos instaurados.

A Ordem dos Advogados do Brasil, seção de Juiz de Fora, acompanhou todo o trabalho de depoimento dos torturados, devendo pronunciar-se oportunamente sobre mais esta arbitrariedade da Polícia Federal. "Cabo Chicão" e "Bóris", que há muito comandam espancamentos nos bairros da periferia sob alegação de investigação por parte de drogas, finalmente foram denunciados. E uma resposta do povo, que não mais aceita ser tratado como vagabundo e exige o mínimo de respeito pela dignidade humana (Grupo de amigos da Tribuna Operária em Juiz de Fora, MG)

Coleta de lixo, calçamento e pontilhão

No dia 9 de março membros da União das Comunidades da Grande Fortaleza fizeram um ato público no Jardim Iracema, próximo de Barra do Ceará. Essa manifestação se deu por causa da falta de luz, calçamento e porque nunca passou por lá um carro da prefeitura para fazer a coleta de lixo. O problema de maior necessidade do bairro é uma ponte num córrego que corta a rua Astrogildo Fontoura.

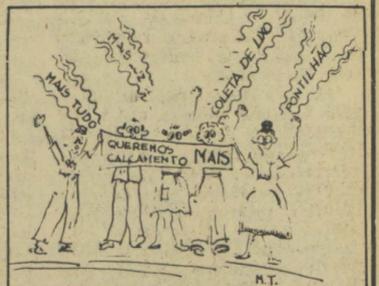
Quando chove, as pessoas mais prejudicadas são os estudantes e operários, que não têm condições de atravessar a correnteza.

Os moradores do bairro levaram faixas e cartazes dizendo: "O povo pede a coleta do lixo, calçamento e pontilhão". "Alô, sr. prefeito! Somos moradores de favelas, mas também somos filhos de Deus!" e "Abaixo a Carestia!"

O ato público começou às 10 hs. Foi convidado o prefeito, Lúcio Alcântara e, como sempre, ele nunca tem coragem de enfrentar o povo cara a cara. Mandou seu representante, que foi Sabino Henrique. Ele tentou se sair bem, dizendo para uma repórter do canal 10 que o

problema é muito sério, que quase todos os bairros de Fortaleza têm esses problemas, que a prefeitura não tem dinheiro para resolver todos, mas vai estudar o problema prioritário, que é o do pontilhão.

Além do representante do prefeito, estavam presentes ao ato o representante da União das Comunidades da Grande Fortaleza, Francisco Alfredo, a deputada Maria Luisa, do PMDB; o vereador Blar de Andrade do PMDB; dois cantadores: Daldete Bandeira e Antônio Ferreira. Foi lida uma mensagem do deputado federal Iranildo Pereira. (José - Fortaleza, VE)



No Maranhão o povo abandonado

Abordo aqui um fato concreto: viajando de Bacabal a Imperatriz, há um trecho da estrada (100 km) em total abandono, entre Santa Luzia e Açailândia. (...) Sou capaz de apostar que se fosse uma estrada de acesso à fazenda Maguary, do senador Sarney, ou à fazenda Modelo, do governador biônico João Castelo, este problema já estaria resolvido. Mas como é uma estrada onde quem mais viaja é a massa pobre, está em abandono.

Nesta viagem que eu fiz de Bacabal a Imperatriz, num percurso normal se gasta 12 horas. Nós gastamos 29 horas e isso porque ficamos parados 17 horas no quilômetro 80, sem ter o que comer e sem as mínimas condições de acomodamento. Adultos e crianças sofrendo por causa da falta de administração de governos inoperantes, corruptos e totalmente voltados para os interesses dos "grandes". E desprezando tudo que favorece o povo, este povo que tudo produz para sustentar os chamados "poderosos". (...)

Ao lado do problema da estrada sem asfalto e sem conservação ainda existe outro agravante: é o problema das empresas (de trans-

porte), que é outra calamidade: 1) - ônibus velhos, sujos, sem as mínimas condições de higiene, sem sanitários, etc. 2) - alguns motoristas mal educados, tratam mal os passageiros. Dirigem mal, faltam com respeito às famílias promovendo cenas de escândalos. (...) 3) - dificilmente os ônibus saem ou chegam ao destino no horário certo, são verdadeiras ditaduras do transporte de massas as empresas "Transbrasiliana" e "Florêncio". 4) - por último, que é um problema tremendamente grave, são os pontos de almoço e janta: alimentação péssima; tremendamente cara; o tratamento dado pelos proprietários e garçons dessas casas aos viajantes não se dá nem a animais. (...)

Tudo isso por causa desse governo fantoche, incapaz, colocado aí sem o voto do povo, por uma ditadura militar fascista que roubou o poder de um governo legalmente constituído. Tudo isso se acabará e teremos nesse lugar coisas que favoreçam o povo e não a uns poucos, somente com a derrubada da ditadura e com a substituição de um governo democrático e popular. (J.R.S. - Bacabal, MA)

Hospital não paga, médicos lutam

Os médicos do Hospital Nossa Senhora da Penha iniciaram no dia 11 de março, segundo decisão tomada em assembléia, uma operação tataruga para reivindicar 3 meses de salários atrasados (dezembro, janeiro e fevereiro). No mesmo dia, a diretoria do Hospital ameaçou todos os médicos com demissão por "justa causa".

Foram concretizadas 5 demissões por "justa causa", sob a alegação de recusa de atendimento.

Após alguns minutos houve reconsideração; mas foram mantidas duas demissões por "justa causa", inclusive de uma médica no quinto mês de gestação. E a diretoria ainda se recusou a pagar os três meses atrasados.

No dia 18 de março foi realizada uma mesa redonda na Delegacia Regional do Trabalho para a resolução dos problemas. Os médicos demitidos entrarão na justiça. (S.M.S. - São Paulo, SP)

O salário subiu 30%, o alimento subiu o dobro!

A gente vive num sufoco, porque nossos governos só querem política contra o operário. Nossos maridos vivem dentro das fábricas como escravos, porque são obrigados a fazer horas extras para aumentar o ordenado. O aumento do governo só dá para uma pessoa viver. Será que uma família como a minha (somos oito) pode viver com 4 mil cruzeiros? Pergunto ao nosso Ministro do Trabalho: será que o senhor viveria com esse ordenado tendo a mesma quantidade de filhos que eu tenho?

Tenho seis filhos no colégio. Como vou viver pagando impostos, luz, água, ônibus, material escolar, transporte das crianças? Onde é que 4 mil cruzeiros dá para viver? E assim que os senhores querem acabar com a desnutrição? Sr. Ministro da Saúde: o senhor

se preocupa com as filas do INAMPS?

O povo não é doente. A doença (que ele tem) é a fome, que o sr. Ministro do Planejamento, Delfim Netto, não vê. A solução não seria um congelamento dos preços? O salário subiu 30%. O alimento subiu o dobro! (E.D.B. - Caxias do Sul, RS)

O operário tem razão

O operário tem razão. A gente não pode viver assim. A gente não tem dinheiro. Como é que a gente tira esse governo do Brasil? A gente não tem fuzil para ter uma guerra muito grande. Primeiro a gente tem que explicar para os outros como é que se luta. Depois a gente tem que armar um fuzil. (M.R.J. - São Paulo, SP)

Nivaldo Santos



Votação: um bom exemplo da unidade com que a categoria iniciou a paralisação

Vânia Coimbra



Lula e Djalma, de S. Bernardo

Nivaldo Santos



A alegria de quem descobre sua força

Máquinas paradas

Os operários do ABC e interior pararam com tanta disposição que nem precisaram fazer piquete.

A grande greve dos metalúrgicos do ABC e do interior de São Paulo começou de um modo arrasador. No primeiro dia, a paralisação foi quase total no ABC. Mas a grande surpresa, para o governo e os patrões foi que os pelegos que dominam muitos dos sindicatos do interior desta vez foram impotentes e em várias cidades os metalúrgicos aderiram maciçamente à greve. Caso de Taubaté, Piracicaba, Sorocaba, Lorena, Cruzeiro, Sertãozinho e, no dia 1º, Campinas e Jundiaí. Embora sejam instrumentos válidos e úteis, os piquetes em geral nem foram necessários.

de entusiasmo entre os operários e causou funda impressão entre o governo e os patrões. Viu-se que, apesar de todas as ameaças anteriores, mobilização das forças armadas etc., o governo procurou evitar o confronto direto. Recuou de sua intenção de imediata decretação da ilegalidade da greve. E, em combinação com os patrões, orientou o Tribunal Regional do Trabalho para fazer uma proposta com alguma concessão no que diz respeito à reivindicação salarial: propôs um aumento de produtividade de 7% para os salários mais baixos e de 6% para os outros. O objetivo era claro: dividir os operários e dar munição para a ação desagregadora dos pelegos. Ainda

mais que já havia uma certa confusão porque não se entendeu o sentido da proposta feita no dia 31 de março por representantes da diretoria do sindicato de São Bernardo, de reduzir sua reivindicação para 7% de produtividade, escalonada, em troca da garantia de estabilidade por um ano. Essa proposta não fora discutida em assembleia e lançou a dúvida, que permanece: a greve está sendo feita pelos 15% ou, desde então, apenas por 7%?

Atenção para as manobras

A outra jogada do TRT foi negar, sem maiores protestos dos representantes dos trabalhadores, a grande maioria das outras 26 reivindicações, como a estabilidade, o delegado sindical, reajustes trimestrais de salários, redução da jornada de trabalho de 48 para 40 horas semanais etc. Fica a pergunta: afinal, em torno de que pontos se está fazendo a greve? Não pode ser só em torno dos 2% que separam a última proposta do Sir-

dicato de São Bernardo da proposta dos patrões.

A greve é uma batalha

Apesar do enorme entusiasmo dos grevistas, observa-se ainda, principalmente no interior, que sua inexperiência dá espaço às manobras dos pelegos. Mesmo no ABC, a situação é diferenciada. Benedito Marçilio e José Lins, dirigentes sindicais de Santo André e São Caetano, colocaram-se claramente contra a greve, não a prepararam e tentaram impedir sua deflagração. Foram apanhados em flagrante indo conversar com Murilo Macedo, em seu sítio de Atibaia.

E em São Bernardo, embora o clima seja outro, a força dos trabalhadores ainda não é plenamente utilizada. As grandes massas que comparecem às assembleias não recebem tarefas específicas, ficam um tanto soltas, sem o que fazer. A greve é uma batalha, fazer greve não é somente decidir por sua deflagração. É preciso que os trabalhadores estejam constantemente mo-

bilizados e organizados, realizando tarefas, desde os piquetes, quando são necessários. E indo às ruas para buscar apoio popular, para recolher fundos para fazer manifestações de repúdio política salarial e reforçar as reivindicações.

Por em ação toda energia

A grande energia que a classe operária dispõe diariamente e que vai totalmente em benefício dos patrões durante a greve precisa ser ativada e colocada a pleno serviço dos próprios trabalhadores. Pondo em ação sua força a classe arranca suas reivindicações ao governo e patrões na defensiva.

De qualquer modo, mesmo que não alcance todos seus objetivos, esta greve já é uma grande vitória. Demonstra que a classe operária vai usando cada vez melhor este seu grande instrumento de luta. E vai desmoralizando posições conciliadoras como aquela muito difundida há poucos meses, de que é preciso "repensar as greves".

Tribuna Operária

SOLIDARIEDADE

Na solidariedade à greve atual há a semente da unidade popular

Na segunda-feira, poucas horas antes do início da greve metalúrgica, representantes de mais de 150 sindicatos, entidades e movimentos populares, além de porta-vozes do PMDB, PT, PTB e PP, reuniram-se na Assembleia Legislativa de São Paulo para debater as medidas de solidariedade à paralisação. Um número record, pois na greve dos metalúrgicos da capital paulista, há 5 meses, mesmo sob o impacto do assassinato de Santo Dias da Silva o número de entidades empenhadas na solidariedade foi de pouco mais de 80.

Amplitude e extensão

O espectro das forças que expressam simpatia pela causa dos operários em greve é bastante amplo. O bispo de Santo André, dom Cláudio Hummes, por exemplo, esteve numa das assembleias de São Bernardo para hipotecar seu apoio e declarou que todas as igrejas de sua diocese estão autorizadas a fazer coletas de mantimentos para os grevistas.

Outro aspecto é que o movimento de

solidariedade ultrapassa as fronteiras de São Paulo para espalhar-se pelos demais Estados. No Rio de Janeiro foi convocada para quarta-feira uma reunião de metalúrgicos, dirigentes sindicais de outras categorias, entidades e movimentos populares, para deliberar conjuntamente sobre as medidas de apoio aos seus companheiros paulistas.

Mãos à obra

A reunião de São Paulo teve sequência nos dias seguintes e na quarta-feira já se realizava um "mutirão" na Praça da Sé visando difundir o apoio à luta dos grevistas. Formou-se também uma coordenação das entidades que participam do movimento, com a participação de representantes dos grupos de solidariedade que estão se formando nos bairros das zonas Norte, Sul, Leste e Oeste de São Paulo.

Programou-se atos públicos, sobretudo caso a greve seja declarada ilegal ou haja intervenção nos sindicatos.

E além dessa ação unificada pode-se

dizer que existem incontáveis iniciativas adotadas às vezes por simples trabalhadores, individualmente, mas sempre trazendo consigo uma preciosa carga de solidariedade. Ou realizações como a venda do bônus que ilustra este artigo, confeccionado pela Associação dos Metroviários de São Paulo para conseguir fundos para seus companheiros metalúrgicos. Como toda a simpatia do povo está ao lado dos operários, contra os patrões e o governo, essas atitudes em geral têm efeito rápido e contagiante. Trata-se apenas de lançar mãos à obra, traduzindo o apoio verbal em atos concretos.

Uma força enorme

A solidariedade, em primeiro lugar operária, mas também popular e democrática, é uma grande força, uma reserva praticamente inesgotável de que dispõem os metalúrgicos em greve. Se Figueiredo, Murilo Macedo, Delfim e companhia estão apreensivos com o rumo que as coisas podem tomar, é em

Comprei essa briga \$5,00

comitê metroviário de solidariedade aos trabalhadores em greve

A GREVE ENSINA

Os metalúrgicos estão de prova: as greves continuam. O movimento de milhões que começou em 1978 e ganhou impulso em 79 continua, com força até maior.

Aprendizado intensivo

Cada greve vale por um curso intensivo onde os operários brasileiros aprendem, com rapidez espantosa, o que não puderam aprender num passado recente. Seu grande mérito é lançar o grosso do proletariado na ação de classe pelos seus interesses.

A greve ensina o operário a pensar, deliberar e agir coletivamente enquanto classe, a valorizar a organização, identificar os inimigos e separar os verdadeiros dos falsos amigos. Ensina a arte de passar à ofensiva na hora certa e de recuar sem perdas inúteis, mostra como distinguir os compromissos necessários dos compromissos de traição. Forma líderes em quantidade e qualidade surpreendentes.

Uma arma: não a maior

Por tudo isso, tornou-se comum dizer que a greve é a maior arma do movimento operário. E apenas meia verdade. A greve tem seus grandes méritos, mas também suas limitações.

A luta grevista é insubstituível para reivindicar aumentos salariais e me-

lhores condições de trabalho. Porém sua meta é somente diminuir a exploração capitalista. Além disso, a inflação, o desemprego e outras pragas do capitalismo terminam devorando de uma forma ou de outra as melhorias salariais conquistadas. Assim, as greves por melhores salários, vistas em seu conjunto, conseguem no máximo impedir o aumento ainda maior da exploração.

O Brasil de hoje serve de exemplo: as paralisações que envolveram mais de 4 milhões de trabalhadores desde 12 de maio de 1978 serviram de freio a uma depreciação ainda maior da mão-de-obra operária, mas não conseguiram impedir por completo essa depreciação, nem muito menos recompor os salários reais de antes do golpe.

O ensinamento principal

Ora, o proletariado não seria digno de si mesmo caso reduzisse seus objetivos finais à disputa com os patrões por uma exploração um pouco menor. Sua luta maior não é para limitar a exploração capitalista, mas para acabar com ela.

Este é a talvez o maior ensinamento das greves. Elas colocam cara a cara duas classes opostas. A dos capitalistas é proprietária das fábricas, dos transportes, dos bancos, possui o dinheiro, os meios de comunicação, o governo a justiça, a polícia e o exército. No entanto,

poliados e oprimidos para fazer valer seus direitos passa a colocar-se em termos muito práticos e concretos. A verdade que o governo teme é que, atrás de cada ato de solidariedade, está a perspectiva da unidade popular e democrática capaz de acabar de vez com a ditadura.

A forma de medir o saldo

Quando ganha consciência e organização para levar adiante esta luta final pelo socialismo, o movimento operário ganha uma nova dimensão. Passa a funcionar como vanguarda de todo o povo na luta pela liberdade política, a independência nacional e a justiça social. Cria condições para conquistar, de fato, a libertação da classe operária e de toda a sociedade.

Por isso, do ponto de vista dos objetivos finais, só há um gabarito para medir o saldo das greves, independente das conquistas salariais: o da organização e da educação de classe do proletariado. Organização de classe para formar o exército político capaz de vencer as forças da reação. E educação para capacitar este exército a manobrar com habilidade em cada batalha, sem perder de vista os interesses máximos dos trabalhadores.

O MAPA DA LUTA



uma idéia geral da geografia da greve, em seus primeiros dias.